

MAIÊUTICA
LETRAS ESPANHOL
LETRAS INGLÊS
LETRAS PORTUGUÊS



CENTRO UNIVERSITÁRIO LEONARDO DA VINCI
Rodovia BR 470, Km 71, nº 1.040, Bairro Benedito
89084-405 - INDAIAL/SC
www.uniassevi.com.br

REVISTA MAIÊUTICA

Maiêutica Letras Espanhol - Letras Inglês - Letras Português

UNIASSELVI 2019

Reitor da UNIASSELVI
Prof. Hermínio Kloch

Pró-Reitora de Ensino de Graduação Presencial
Prof. Antônio Roberto Rodrigues Abatepaulo

Pró-Reitora de Ensino de Graduação a Distância
Prof.^a Francieli Stano Torres

Pró-Reitor de Ensino de Pós-Graduação
Prof. Carlos Fabiano Fistarol

Pró-Reitor Operacional de Ensino
Prof. Érico Coelho Ribeiro

Editor da Revista Maiêutica
Prof. Luis Augusto Ebert

Comissão Científica
Carlos Rodrigo de Oliveira
Elisabeth Penzlien Tafner
Estela Maris Bogo Lorenzi
Jeice Campregher
Luana Ewald
Luciana Fiamoncini

Editores e Diagramação
Equipe Produção de Materiais

Revisão Final
Equipe Produção de Materiais

Publicação *On-line*

Propriedade do Centro Universitário Leonardo da Vinci

Apresentação

A VII edição (2019) da Revista Maiêutica Estudos Linguísticos, Literários e a Formação Docente contém sete novos estudos com pertinentes discussões nas áreas de Literatura e Linguística, fruto do contínuo trabalho de professores, tutores e estudantes da UNIASSELVI, comprometidos com a integração e iniciação científica nos cursos de Letras – Espanhol, Letras – Inglês, Letras – Português e da Especialização em Metodologia do Ensino de Língua Portuguesa.

Os cinco primeiros artigos correspondem aos Estudos Linguísticos e à Formação Docente, inclinados ao debate sobre variação e diversidade linguística, bem como o ensino de língua na educação básica. Esse grupo de trabalhos sinaliza que, embora o debate sobre preconceito linguístico e ensino de gramática na escola seja tema bastante conhecido na produção científica brasileira, ainda possui espaço para novas reflexões.

Tendo em vista tais temáticas, a revista é aberta com o artigo *Variações linguísticas em livros de língua espanhola*, de Jaqueline Telles e Raquel Elisa da Silva Meneghelli, que se propõem a discutir a presença da variação linguística da língua espanhola e da cultura vinculada aos países hispanofalantes em livros didáticos de ensino fundamental.

Lucas Alves Selhorst, Patrícia dos Santos Fortunato, Rita de Cássia Medeiros de Carvalho e André Henrique Nunes do Carmo, com a finalidade de estudar a língua inglesa em uma perspectiva sul-africana, apresentam *África do Sul e língua inglesa* a partir de uma relação entre questões políticas, sociais e culturais com a diversidade linguística.

Também lançando um olhar cultural para a relação língua e sociedade, Laiara Yuri Boso, Ronaldo Casagrande e Andrea Stefania Piazza realizam uma pesquisa bibliográfica e um estudo de caso com o título *A presença da cultura dos países de língua inglesa no Brasil*, refletindo sobre aspectos culturais de origem estrangeira que permeiam práticas sociais no Brasil pelo cinema, alimentação, música e, principalmente, pela linguagem.

Tipos de variações linguísticas, de Jaili Dark de Lucena Alves, Schypriann Vieira Mendes Ouriques e Valmir Effting, aborda os tipos de variações linguísticas em diferentes gêneros textuais (como anúncio, carta, charge etc.) e identifica os aspectos que influenciam o ensino das diversidades linguísticas no Brasil.

Variação linguística: língua e sociedade, artigo de João Pedro Sousa Santos, Jhêssica Silva Santos, Raquel Viana Macêdo e Clebson de Sousa Peixoto, contempla a variação linguística nos estudos da língua portuguesa, a relação entre língua e gramática normativa, variações linguísticas nos diferentes contextos sociais e preconceito linguístico com base em textos digitais, análises de livros e uma observação de sala de aula em contexto de educação básica.

Acerca dos estudos literários e a formação docente, o artigo: *A importância da literatura no ensino da língua portuguesa*, de Heide Vasconcelos de Melo Ribeiro, Clebson de Sousa Peixoto e Jeice Campregher parte de uma reflexão sobre os impactos da literatura em contexto escolar e, ainda, na formação de cidadãos atuantes e reflexivos socialmente, destacando sua potencialidade transformadora de sujeitos.

Ainda no âmbito da formação docente, Patrícia Macedo e Deise Stolf Krieser, com o artigo *Um olhar sobre a formação continuada dos docentes de Língua Portuguesa*, abordam a relevância de o professor se manter em constante aprendizado e reflexão sobre sua prática em sala de aula.

Esperamos que essas pesquisas desenvolvidas pelos acadêmicos de Letras – Espanhol, Letras – Inglês, Letras – Português e Especialização em Metodologia do Ensino de Língua Portuguesa da UNIASSELVI, publicadas na presente edição, possam ser divulgadas entre a comunidade acadêmica, impactando e incentivando a produção do pensamento científico para integrarmos cada vez mais estudantes ao comprometimento com os Estudos Linguísticos, Literários e a Formação Docente, desenvolvidos nacionalmente.



SUMÁRIO

VARIAÇÕES LINGUÍSTICAS EM LIVROS DE LÍNGUA ESPANHOLA

The linguistic variations in Spanish books

Jaqueline Telles

Raquel Elisa da Silva Meneghelli 7

ÁFRICA DO SUL E A LÍNGUA INGLESA

South Africa and the English language

Lucas Alves Selhorst

Patrícia dos Santos Fortunato

Rita de Cássia Medeiros de Carvalho

André Henrique Nunes do Carmo..... 13

A PRESENÇA DA CULTURA DOS PAÍSES DE LÍNGUA INGLESA NO BRASIL

The presence of the culture of the English language countries in Brazil

Laiara Yuri Boso

Ronaldo Casagrande

Andrea Stefania Piazza 21

TIPOS DE VARIAÇÕES LINGUÍSTICAS

Linguistics variations types

Jaili Dark de Lucena Alves

Schypriann Vieira Mendes Ouriques

Valmir Effting..... 31

VARIAÇÃO LINGUÍSTICA: língua e sociedade

Linguistic variation: language and society

Raquel Viana Macêdo

Joao Pedro Sousa Santos

Jhéssica Silva Santos

Clebson de Sousa Peixoto 43

A IMPORTÂNCIA DA LITERATURA NO ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA

The importance of literature in teaching portuguese

Heide Vasconcelos de Melo Ribeiro

Clebson de Sousa Peixoto

Jeice Campregher 51

UM OLHAR SOBRE A FORMAÇÃO CONTINUADA DOS DOCENTES DE LÍNGUA PORTUGUESA

A look at the continuing education of Portuguese language teachers

Patricia Macedo

Deise Stolf Krieser 61

VARIAÇÕES LINGUÍSTICAS EM LIVROS DE LÍNGUA ESPANHOLA

The linguistic variations in Spanish books

Jaqueline Telles¹
Raquel Elisa da Silva Meneghelli¹

Resumo: O presente trabalho tem por objetivo analisar três livros do ensino da língua espanhola do ensino fundamental para saber se há o ensino da variação linguística deste idioma, ou seja, se esses livros apresentam a cultura e o idioma espanhol de outros países hispanofalantes além da Espanha. Como no Brasil o ensino da língua espanhola não é obrigatório em escolas públicas, os livros analisados são de colégios particulares das cidades de Santa Catarina, visando obter o resultado de análise em pelo menos uma cidade do Brasil. Por meio do estudo de livros e artigos, formulou-se um conceito básico de quatro tipos de variações linguísticas e a importância deste ensino, já que este é o tema principal em questão. Este trabalho se pauta na metodologia documental, e, através de um quadro comparativo, será possível observar o resultado da pesquisa. O quadro consiste em cinco colunas, cada uma com um critério de análise. Diante do observado, concluiu-se que existe, mesmo sendo pouco, o ensino da variação linguística de outros países além da Espanha.

Palavras-chave: Variação linguística. Língua espanhola. Ensino fundamental.

Abstract: The present work analyzes three elementary education Spanish books, to realize if there is Spanish linguistic variation teaching, or in another words, if those Spanish books presents the culture and the Spanish language of other Spanish-speaking countries besides Spain. In Brazil Spanish language teaching is not compulsory in public schools, those books analyzed are from some Santa Catarina private schools, aiming to obtain the analysis result in, at least, one city in Brazil. Through the study of books and articles, a basic concept of four types of linguistic variations and the importance of this teaching was formulated. This work is based on methodology documents and through a comparative table that will be possible to observe the research results. This table consists in five columns, each of them with a criterion of analysis. However, it was concluded that there is, even just a little, language variation in countries other than Spain teaching.

Keywords: Linguistic variation. Spanish language. Elementary School.

Introdução

De acordo com o Instituto Cervantes (2012), o Espanhol é falado por mais de 495 milhões de pessoas, sendo idioma oficial em 21 países, por isso tende a ter variações linguísticas. O Espanhol é a segunda língua do mundo pelo número de falantes, e a segunda também em comunicação.

Considerando este cenário, o presente estudo discute o tema variações linguísticas no ensino da língua espanhola centrando-se na análise de três livros didáticos de espanhol. Estes livros são usados atualmente em, pelo menos, dois colégios particulares de Santa Catarina, sendo do sétimo, oitavo e nono ano do ensino fundamental.

O objetivo é verificar se os exemplares estão ensinando a variação linguística que existe nos países que têm o Espanhol como idioma oficial, fazendo uma comparação entre os exemplares. Este objetivo é justificado pelo interesse de saber se a diversidade da língua espanhola em contexto mundial reflete no ensino dessa língua no Brasil.

O estudo se trata de uma prática comparativa, tendo em vista análise conceitual de três livros didáticos.

¹ Centro Universitário Leonardo da Vinci – UNIASSELVI. Rodovia BR 470 – Km 71 – nº 1.040 – Bairro Benedito – Caixa Postal 191 – 89130-000 – Indaial/SC. Fone (47) 3281-9000 – Fax (47) 3281-9090 – Site: www.uniasselvi.com.br.

A pesquisa é de natureza documental.

Variações linguísticas

Para começar, vamos entender um pouco sobre variação linguística. Variação linguística é a capacidade que a língua tem de se transformar ou se adaptar conforme alguns componentes. Estes componentes são: histórico, regional, estilo e social.

Histórico: refere-se à evolução da língua através do tempo. A língua espanhola começou a nascer em meados do século III a.C. na península Ibérica. O Espanhol veio do latim vulgar.

No período pré-romano, muitos povos ocuparam o espaço da Península Ibérica (onde hoje situa-se Espanha e Portugal), cada povo com sua língua, celtas, gregos, vasco (a língua basca é usada até hoje no país Basco), lígures, entre outros. Isso fez com que a região tivesse uma grande diversidade linguística e cultural, influenciando a língua espanhola, pois, apesar dessas línguas terem desaparecido com o tempo, elas deixaram léxicos, ritmo e tom na pronúncia das palavras.

Com o domínio dos Romanos naquelas áreas em 206 a.C., os povos que viviam ali foram obrigados a falar o latim, e com isso o latim foi se tornando a língua predominante, recebendo influência dos dialetos já falados ali. É daí que vem o termo latim vulgar, pois, quanto mais longe da capital Roma, mais influência sofria o latim daquelas línguas, e quanto mais perto da capital, mais culto era o latim, pois já não sofria tanta influência na pronúncia e no vocabulário.

Pelo fato de o latim vulgar ter evoluído tanto, deu-se origem o nome “línguas românicas”. Ainda com o Império Romano no domínio da península, os germânicos se instalaram no território, mas logo os visigodos os expulsaram dali, não influenciando muito a língua, incluindo apenas alguns nomes próprios como Rodrigo e Fernando, por exemplo. Os visigodos não se consolidaram por muito tempo, pois, em seguida, os mulçumanos invadiram as terras. Depois do latim, o árabe foi a língua que mais influenciou o espanhol, deixando mais de quatro mil palavras ao idioma. *Alfombra, alambre e jaleo* são exemplos de palavras vindas do árabe.

Castilha foi o reino que dominou a península ibérica do poder dos mulçumanos, e, desde então, o castelhano predominou todo o território da Espanha e, através da literatura, ganhou força e se tornou a língua oficial daquele país, passando a ser chamada de Espanhol ao invés de Castelhana.

Regionalismo: apresenta as palavras distintas faladas em regiões diferentes, porém estas palavras têm o mesmo significado.

Observe o quadro:

Quadro 1. Variedade linguística do espanhol em alguns países

BRASIL	ESPANHA	MÉXICO	CHILE	CUBA	COLÔMBIA	ARGENTINA	URUGUAI	VENEZUELA	DEMAIS PAÍSES ES.
COMPUTADOR	Ordenador								Computadora
CALÇADA	Acera	Banqueta				Vereda			
CARRO	coche								Auto
FELJÃO	Judías					Porotos			Frijoles
PANELA	Puchero								Olla
ELEVADOR	Ascensor								Elevador
ALUGAR	Alquilar	Rentar			Arrendar				
ALUGUEL	Alquile	Renta	Renta		Arriendo				
CANETA	Bolígrafo					Birome	Birome		Pluma
PIPOCA	Palomita	Palomita		Rositas	Crispetas	Pochoclo		Cotufa	

FONTE: Adaptado de Santana (2012).

A parte fonética também entra no regionalismo.

O som do “ll”, que em português é o mesmo do LH, é pronunciado em alguns países como “caje”, “cáie”, “cache” ou “cadje”.

O fenômeno chamado *voseo* também é tratado como regionalismo e consiste no uso da palavra *vos* no lugar do pronome *tú*. Este tipo de tratamento é muito usado em vários países hispanofalantes, mas Silva e Castedo (2008) questionam se realmente este pronome de tratamento faz parte do regionalismo, já que tantos países se utilizam dele.

Social: está relacionado com grupos sociais quanto: idade, sexo masculino/feminino, classe social e grupos sociais (exemplo: surfistas, profissionais de várias áreas etc.). As gírias são um claro exemplo de variação linguística social.

Estilo: trata-se do uso da língua em diferentes situações, ou seja, uso formal e não formal, culta ou coloquial. Neste caso, o uso da linguagem vai depender para quem ela será direcionada.

Importância do ensino da variação linguística espanhola

Aprender sobre a variação linguística não nos remete apenas ao conhecimento de novas culturas, mas também do sistema econômico, político e literário de outros países, além de despertar no aluno a curiosidade, a busca pela pesquisa e o respeito pelo próximo e pelas coisas em geral.

Para o ensino do Espanhol ser eficaz é importante que se desenvolva e trabalhe o ensino da variação linguística que há de um país para o outro.

Conforme Machado (2018, p. 55), há “[...] três principais variantes do espanhol: a mexicano-caribenha, a rio platense (falada no Uruguai e na Argentina) e também a peninsular (falada na Espanha)”.

Quando se inicia a aprendizagem do Espanhol, muitos alunos se deparam com a dúvida de qual acento utilizar, porém, ao obter conhecimento sobre os diferentes tipos de acentos que existem, o aluno pode escolher aquele que lhe for mais agradável ou aquele que tiver mais contato, seja através do interesse por uma das culturas, seja pelo próprio sotaque do professor. Portanto, apresentar aos alunos as culturas dos países hispanofalantes fortalece a aprendizagem sobre o sotaque, como também mostra a verdade sobre os mitos do “certo” e “errado”, e leva à diminuição do preconceito linguístico.

Sobre o vocabulário, o professor pode trabalhar bastante em sala de aula, pois a mesma palavra falada no México pode ter sentido totalmente diferente em outro país, como o Chile, por exemplo.

Quanto mais o professor trabalhar as variações linguísticas, mais rico será o vocabulário do aluno, além de trazer conhecimento sobre novas culturas.

Análise dos livros didáticos

Os livros analisados foram do sétimo, oitavo e nono anos do ensino fundamental. Esses livros são usados em pelo menos duas escolas particulares de Santa Catarina; são do ano de 2011, da Editora Saraiva, 4ª edição e escrito por três autores.

A análise se concentra no conteúdo sobre variação linguística, tais como: a presença ou ausência do pronome de tratamento *vos*; a exposição de outras culturas além da cultura espanhola e exemplos de palavras com o mesmo significado, porém, de diferentes grafias em outras regiões hispanofalantes.

De modo geral, verificou-se se há o ensino de alguma variação linguística do Espanhol nesses livros. Os três livros contêm oito unidades e são divididos em quatro seções; trabalha com o vocabulário, gramática, funções comunicativas e cultura.

Livro do 7º ano

Este livro contém oito unidades.

A Unidade 1 fala sobre comida de festas, expondo figuras de comidas com o nome em espanhol da Espanha, Chile, Argentina e Bolívia.

Na parte da gramática aparece o nome de tratamento *vos*. No quadro de conjugações de verbos, ele está conjugado da mesma maneira que o pronome *tú*, além de conter exercícios para conjugar esses pronomes.

Na Unidade 2 também são expostas palavras usadas na Espanha e em outros países dentro da temática “roupas”. Exemplo: calças em português, *pitusas* (cuba); *vaqueros* (Espanha).

O *vos* já é conjugado de forma diferente, como se fosse o *vosotros*, além de trabalhar o pronome pessoal dele. Também tem exercícios para fixação da aprendizagem.

As unidades 5 e 8 expõem um texto sobre a capital do Chile e deixam sites de jornais de sete países hispanofalantes diferentes. Os jornais usam uma língua mais formal, por isso foram citados no livro. As unidades 3, 4, 6 e 7 não mencionaram nada sobre variação linguística.

Livro do 8º ano

Contém oito unidades e em todas aparece a conjugação do pronome *vos*.

A Unidade 2 traz um texto sobre o México e explica que o X se pronuncia com o som do J e que foram os próprios mexicanos que escolheram desta forma.

Na Unidade 5 o livro traz um texto pequeno sobre uma árvore da Costa Rica chamada *Guanacaste*, e a Unidade 6 faz a mesma coisa, porém traz informações sobre o Equador, em breve história sobre este país.

O interessante é que na página 118 desta mesma unidade há um exercício que propõe ao aluno uma pesquisa das festas nacionais de nove países hispano-americanos e, no exercício seguinte, pede que o aluno escolha uma festa dentre esses países para se aprofundar no tema, descrevendo quais são as músicas, comidas e outros itens tradicionais da festa nacional. Isso incentiva o aluno a conhecer outros países, o que, automaticamente, leva o aprendiz a conhecer na pesquisa as variedades linguísticas dos mesmos.

A Unidade 8 segue a mesma linha de apresentação da parte da cultura, expondo imagens da Bolívia e descrevendo o país como uma boa opção de passeio por ainda ter lugares de tirar o fôlego.

Livro do 9º ano

Das oito unidades, a primeira e a sexta trazem a história de um país.

Algo de novo na Unidade 2 em comparação aos outros livros. No tema comunicação, ele apresenta 13 gestos utilizados na Argentina para expressão não verbal. Cada um destes gestos significa uma expressão ou palavra dentro da cultura Argentina, esclarecendo que pode não ser usada em outros países. Por último, na Unidade 7, fala sobre o *Vallenato*, que são instrumentos colombianos utilizados nos países da América. A seguir, um quadro comparativo entre esses livros.

Quadro 2. Comparação dos livros quanto à variação linguística

VOLUMES	UNIDADES POR LIVRO	UNIDADES QUE ENSINAM O USO DO PRONOME VOS	UNIDADES QUE ENSINAM PALAVRAS REGIONAIS	UNIDADES QUE ENSINAM A CULTURA DE OUTROS PAÍSES ALÉM DA ESPANHA
7º ano	8	8	2	2
8º ano	8	8	0	4
9º ano	8	8	1	3

FONTE: Os autores (2018).

Observa-se no quadro um certo equilíbrio do ensino da variação linguística. Apesar de ter pouco conteúdo sobre este assunto, os livros demonstram que há uma certa preocupação de exibir a variação ou, pelo menos, um pouco de cultura de outros países além da Espanha. Mostrou também que o uso do *vos* não é trabalhado como regionalismo, já que está inserido e conjugado em todas as unidades dos três exemplares, além de conter exercícios com o uso deste pronome, como já citado anteriormente, na descrição da análise do livro do 7º ano.

Considerações finais

Dado o exposto, os resultados obtidos com o trabalho foram satisfatórios, pois conclui-se que, mesmo sendo em pequena proporção, existe o ensino da variação linguística do espanhol nos livros didáticos analisados. Mostra também que há uma certa preocupação de que o aprendiz de Espanhol conheça a variação linguística que ele pode encontrar em diferentes países hispanofalantes, viabilizando maiores possibilidades de comunicação.

Os três livros têm a mesma quantidade de unidades e todas trabalham com o uso e conjugação do pronome *vos*, o que significa que este pronome não é só questão de regionalismo, pois, se há o ensino dele, é porque existem vários países que o tem como parte da fala.

Todos os livros apresentam temas sobre a cultura dos países americanos que usam o Espanhol, portanto, além de expor a cultura da Espanha, trazem juntamente essas outras culturas, inclusive propondo exercícios para maior conhecimento. O livro do sétimo ano contém duas unidades que comentam sobre este assunto, enquanto o livro da oitava série aborda o tema em quatro unidades, ou seja, metade do livro trabalha a cultura de outros países e o nono ano traz o assunto em três unidades.

A questão das palavras faladas na Espanha, que possuem outra grafia em outros países, foi a de menor conteúdo nos livros. O livro do sétimo ano foi o que mais abordou, totalizando duas unidades. Do oitavo ano não expôs em nenhuma unidade, no entanto, foi o livro que mais ensinou culturas diferentes; o livro do nono ano trabalhou com apenas uma unidade do assunto.

Em geral, os livros tiveram um bom equilíbrio em comparação de um para com o outro e, o mais importante, é que mostraram que há o ensino da variação linguística espanhola, mesmo que em poucas unidades, expuseram que esta existe dentro dos países.

Referências

BRUNO, Fátima Aparecida Teves Cabral; MARTINEZ, Margareth Aparecida Martinez Benassi; FERRARI, Silvia Aparecida. **Espanõl: ¡Entérate!** 7º ano. 4. ed. São Paulo: Saraiva, 2011a.

BRUNO, Fátima Aparecida Teves Cabral; MARTINEZ, Margareth Aparecida Martinez Benassi; FERRARI, Silvia Aparecida. **Espanõl: ¡Entérate!** 8º ano. 4. ed. São Paulo: Saraiva, 2011b.

BRUNO, Fátima Aparecida Teves Cabral; MARTINEZ, Margareth Aparecida Martinez Benassi; FERRARI, Silvia Aparecida. **Espanõl**: ¡Entérate! 9º ano. 4. ed. São Paulo: Saraiva, 2011c.

INSTITUTO CERVANTES. **El espanhol**: una lengua viva. Madrid: Departamento de Comunicación Digital del Instituto Cervantes, 2018.

KIELWAGEN, Carla Wille. **Didática da língua espanhola I**. Indaial: UNIASSELVI, 2018.

MACHADO, Wellington Freire. **Linguística aplicada à língua espanhola II**. Indaial: UNIASSELVI, 2018.

PINTO, Carlos Felipe de Conceição. A língua espanhola? Ou as línguas espanholas? *In*: SEMINÁRIO DE LINGÜÍSTICA APLICADA, 9.; SEMINÁRIO DE TRADUÇÃO, 4. 2008, Salvador. **Anais...** Salvador: EDUFBA, 2008.

SANTANA, Alex. Variação linguística do idioma espanhol. **Aprender + Español**, [s.l.]. mar. 2012.

SANTOS, Aurélia. **História da língua espanhola**. Espanhol sem Fronteiras, [s.l.]. maio 2016.

SILVA, Bruno Rafael C. V. da; CASTEDO, Tatiana M. de. Ensino do espanhol no Brasil: o caso das variedades linguísticas. **Holos**, ano 24, v. 3, p. 67-74, 2008. Disponível em: <http://www2.ifrn.edu.br/ojs/index.php/HOLOS/article/viewFile/145/164>. Acesso em: 18 abr. 2018.

Artigo recebido em 23/05/19. Aceito em 23/08/19.

ÁFRICA DO SUL E A LÍNGUA INGLESA

South Africa and the English language

Lucas Alves Selhorst¹
Patrícia dos Santos Fortunato¹
Rita de Cássia Medeiros de Carvalho¹
André Henrique Nunes do Carmo¹

Resumo: A África do Sul é um país com uma enorme diversidade, inclusive linguística. O inglês é uma das onze línguas oficiais do país e costuma ser dividido em três variedades, levando em conta uma heterogeneidade que reflete a história. Este artigo tem como objetivo geral estudar a língua inglesa em uma perspectiva sul-africana. Para tanto, é importante conhecer o país e sua memória, em sua relação com o inglês, para entender a língua e as peculiaridades resultantes. Pode-se perceber o quanto o *apartheid* contribuiu para a formação do inglês com tantas diferenças que seja possível separá-lo em grupos, bem como uma sociedade desigual, ainda muito segregada, marcada pela discriminação e que clama por uma democracia verdadeira e transformadora.

Palavras-chave: África do sul. Língua inglesa. Diversidade linguística.

Abstract: South Africa is a country of an enormous diversity, including the linguistic ones. English is one of the eleven official languages of the country and it is usually divided into three varieties, considering a heterogeneity that reflects the history. This article aims to study the English language in a South African perspective. Therefore, it is important to know the country and its memory, in its relationship with English, to understand the language and the peculiarities that result. One can see how apartheid has contributed to the formation of English with so many differences that it is possible to separate it into groups, as well as an unequal society, still very segregated, marked by discrimination and that calls for a true and transforming democracy.

Keywords: South Africa. English language. Linguistic diversity.

Introdução

A África do Sul, como Pereira *et al.* (2013) confirmam, é um país com muitas riquezas e é considerado uma potência emergente. Seu Produto Interno Bruto (PIB) representa 1/5 de todo o continente africano. No entanto, as riquezas deste país foram, por muito tempo, controladas exclusivamente por brancos, sendo que a colonização europeia começou pelos portugueses, e posteriormente se deu as colonizações holandesa e britânica. A escravidão e servidão foi superada por um sistema de discriminação e exploração que deixou marcas até hoje visíveis.

Pode-se afirmar que qualquer leitura que se faça acerca da África do Sul de hoje, ou de sua história recente, estará atravessada pelo referido sistema, denominado *apartheid*, inclusive quando se trata do estudo da língua inglesa ou de quaisquer outras das muitas línguas faladas neste país, tendo em vista a dimensão desse regime. Nesta pesquisa, portanto, esse será um tema corrente.

Esta é uma pesquisa bibliográfica, e, conforme Perovano (2016), realizada com base no que já foi publicado, buscando, identificando e selecionando fontes que tenham relação direta com o que a pesquisa se propõe, sempre por meio de leituras que culminem em uma organização, análise e discussão dos dados.

O objetivo deste trabalho é estudar a língua inglesa em uma perspectiva sul-africana. Para isso, será necessário entender alguns aspectos gerais desse país (como sua geografia, economia e cultura); pesquisar a sua história e a relação desta com o inglês; e verificar peculiaridades da língua inglesa na África do Sul.

¹ Centro Universitário Leonardo da Vinci – UNIASSELVI. Rodovia BR 470 – Km 71 – nº 1.040 – Bairro Benedito – Caixa Postal 191 – 89130-000 – Indaial/SC. Fone (47) 3281-9000 – Fax (47) 3281-9090 – Site: www.uniasselvi.com.br.

África do Sul: um país de diversidade e contradições

Segundo a Constituição Sul-africana, promulgada em 1996, determina que o país tem doze línguas oficiais, podendo, o governo nacional ou as províncias, usarem qualquer um destes doze idiomas, levando em conta alguns itens como despesa, praticidade e preferência da população (ÁFRICA DO SUL, 1996). Inclusive, essas organizações governamentais devem usar pelo menos dois destes, além de buscar tomar medidas práticas e positivas que elevem e promovam os idiomas que historicamente foram diminuídos.

Com base nas ideias de Ribeiro e Silva (2015), pode-se afirmar que a África do Sul se destaca em alguns aspectos no continente africano, não apenas economicamente, mas por meio de muitas lutas, também conseguiu estar em um lugar mais elevado que muitos dos demais países africanos no que tange à democracia e ao respeito dos direitos humanos, por exemplo. Desta forma, a sede do Parlamento Africano é em solo sul-africano, já que este, provavelmente, é o país que melhor tem conseguido o sonhado renascimento da África.

Meneses (2018), ao explicar a formação da cultura sul-africana e sua visão acerca dos estrangeiros, diz que há uma certa arrogância e preconceito nos sulistas em relação aos demais países africanos, visto que:

[...] a África do Sul foi construída, enquanto estado-nação, a partir das referências eurocêntricas, como um país mais avançado, política e economicamente falando, que os territórios vizinhos. E a seqüela desta presença colonial capitalista mantém-se: como já referido, o processo de construção da ‘alteridade’ continua a referir-se ao estrangeiro branco como o ‘outro’ desejado, enquanto o estrangeiro africano é o ‘outro’ desprezível (MENEZES, 2018, p. 183).

Conforme Van Wyk (2010), a África do Sul como democracia é um mito que se posta à premissa de que em uma democracia se tem pleitos concorrenciais nos quais o partido que está no poder pode perder. Para ela, o Congresso Nacional Africano (CNA), partido que governa, é um movimento de libertação convertido em partido a ocupar o poder, tendo a Constituição firmando uma democracia processual, mas não substancial.

Além disso, mesmo que a pobreza tenha tido alguma redução, a desigualdade de renda tem aumentado, pois mulheres e negros sul-africanos são cada vez mais, socioeconomicamente, vulneráveis, visto que o índice *Gini* (em que 0 representa total igualdade e 1 total desigualdade), a África do sul era de 0.64 em 1995 e subiu para 0.69 em 2005 (VAN WYK, 2010).

África do Sul e a língua inglesa

Nesta etapa são detalhados aspectos gerais acerca da África do Sul, a história desse país relacionada com a língua inglesa e algumas peculiaridades do inglês sul-africano.

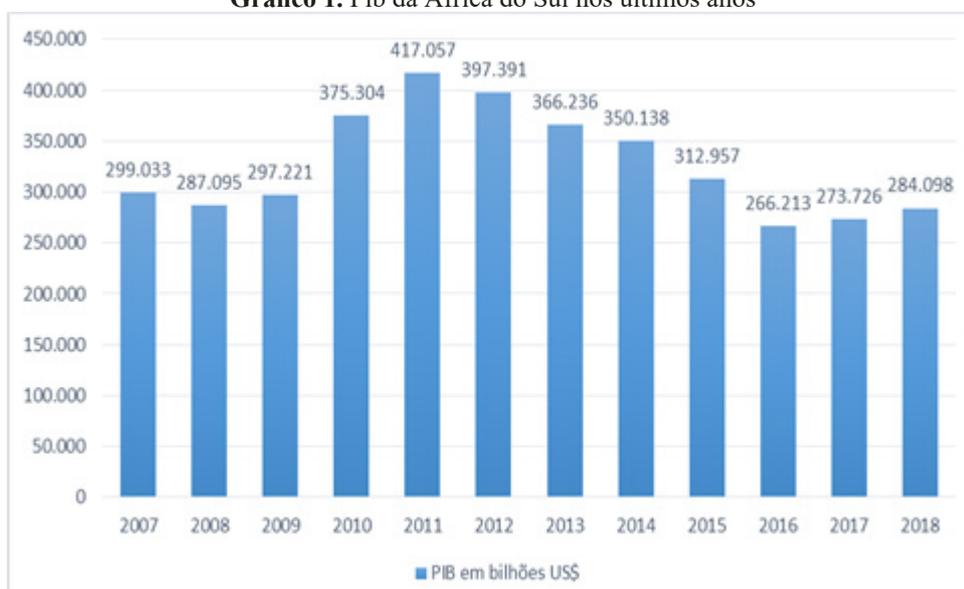
A África do Sul está localizada na África Austral, fazendo fronteira com Botsuana (Norte), Namíbia (Noroeste), Zimbábue e Moçambique (Nordeste). Também é banhada pelos oceanos Atlântico e Índico, além de circundar, com suas fronteiras, o Reino do Lesoto, um território com distinções políticas, sociais e culturais cuja fronteira geográfica fica inteiramente dentro dos limites da África do Sul (LOPES; MACEDO, 2017).

Maluleke (2012) reitera que além dos compromissos internacionais, a Constituição da África do Sul afirma valores democráticos, tais como o respeito à dignidade humana, igualdade e liberdade. Essa constituição também protege o direito à cultura, não permitindo, no entanto, que alguém viole direitos em nome dela. Contudo, na prática, o país ainda carece de igualdade de gênero, por exemplo, já que as mulheres ainda estão sujeitas a testes de virgindade, casamento precoce/forçado, caça às bruxas e mutilação genital.

Para Amoah e Bennett (2008) e Mutua (1999), as religiões tradicionais africanas são subvalorizadas na África do Sul, pois são apagadas e ameaçadas pelo Cristianismo e Islamismo. Isso representa um histórico desrespeito aos direitos humanos, intolerância cultural e religiosa, desumanização das pessoas e de suas etnias, sendo necessário elaborar formas de proteção à imposição religiosa, proselitismo e dominação cultural.

Referente à economia, como já citado, a África do Sul possui um dos maiores PIBs do continente africano, conseqüentemente, possui um grande potencial de desenvolvimento. Para Pereira *et al.* (2013), o fato de o país ser banhado por duas correntes marítimas diferentes torna sua vegetação e clima diversificados, isto é, uma variação de locais com chuvas abundantes a locais com condições desérticas. Além disso, possui recursos minerais em abundância, como por exemplo, cromo, carvão, antimônio, minério de ferro, níquel, fosfato, estanho, elemento terra rara, urânio, diamante, cobre, vanádio, sal e gás natural. Destaca-se o fato de que a África do Sul tem uma das maiores reservas de ouro, manganês e platina do mundo. No entanto, atualmente, a economia sul-africana vem enfrentando problemas. Isso pode ser observado no gráfico a seguir.

Gráfico 1. Pib da África do Sul nos últimos anos



Fonte: Adaptado de South Africa GDP (2019).

Como pôde ser visto no gráfico que mostra o PIB da África do Sul nos últimos dez anos e uma previsão para 2018, dez anos atrás este índice era maior do que o de agora.

Politicamente falando, Pereira *et al.* (2013) dizem que quando Jacob Zuma assumiu a presidência do país em 2009, ele tinha como intenção atender à demanda por um estado distributivo de apelo socialista, o qual buscava reduzir a crescente desigualdade e pobreza.

Conforme Pilling e Cotterill (2018), no entanto, o grande fracasso das políticas de Zuma, que renunciou em fevereiro de 2018, ocorreu por causa de inúmeros escândalos ocorridos durante sua gestão (783 acusações de corrupção, lavagem de dinheiro extorsão e um escândalo sexual com a filha de seu melhor amigo), deixando um índice de desemprego de, aproximadamente, 30%, sem conseguir melhorar a qualidade da educação.

Presentemente, as heranças do *apartheid* ainda podem ser facilmente sentidas, podendo-se destacar o fato de o país estar terrivelmente dividido, de um lado, algumas pessoas muito ricas, sendo elas principalmente brancas, e de outro há pessoas muito pobres, quase todas negras. Por isso, o vice na época, Cyril Ramaphosa, que se tornou o novo presidente, assumiu uma difícil gestão, sobretudo contra a corrupção e a desigualdade.

Em relação à história da África do Sul e a língua inglesa, Macedo (2013) explica que os registros arqueológicos apontam para o fato de que os territórios situados entre a África do Sul, Angola, Zâmbia e Namíbia, desde pelo menos 20.000 a.C., eram habitados por hotentotes que viviam da exploração da floresta.

Em algum momento desconhecido do II milênio a.C., esses territórios foram ocupados por povos da matriz linguística *banto*, que são divididos nos grupos linguísticos *nguni*, *sotho-tswana*, *venda* e *shangaan-tsonga*.

A partir do século XVII, uma população branca e de origem europeia se une a esses povos. Descendentes de holandeses, ingleses, franceses e germânicos formaram um novo povo e uma nova língua nativa que misturava dialetos neerlandeses, com alemão, francês, português, malaio e línguas africanas, surgindo então o Africâner (MACEDO, 2013).

Visentini, Ribeiro e Pereira (2014) dizem que a Colônia do Cabo era uma área estratégica, e foi ocupada em 1795 durante a Revolução Francesa. Nessa mesma época, a Inglaterra queria formar uma burguesia local, estabelecendo acordos com os chefes nativos e integrando a população de origem europeia na economia colonial.

Com colonizadores vindos de diversos países europeus, a África do Sul foi politicamente fragmentada, como elucida Magnoli (2009) e, em 1814, por meio de uma decisão do Congresso de Viena, a soberania da Colônia do Cabo passou formalmente à Coroa Britânica. Os britânicos começaram a aumentar seu poder e estabeleceram um projeto de recolonização que afetaria as línguas, a religião, bem como a liberdade dos escravos.

Msimang (2018) afirma que a Inglaterra derrotou a Holanda na Guerra dos Bôeres, que durou de 1899 a 1902 e estabeleceu seu domínio sobre a África do Sul. Em 1913, com a *Lei da Terra dos Nativos*, os brancos ficaram livres para possuir ou locar 93% das terras, enquanto os negros foram confinados no 7% restante. Em 1948, o *apartheid* tornou-se política oficial de estado, terminando apenas em 1994 com o governo histórico de Nelson Mandela.

Conforme Gough (1996), apenas depois das eleições de 1994, o inglês passou a ser apenas mais uma das 11 línguas oficiais, pois, antes, por um longo período, ele teve um status diferente e elevado, como por exemplo, durante o *apartheid*. A política do *apartheid* resultou em um contexto de aquisição deficiente para muitos e, também, para o surgimento de diferentes línguas inglesas, resultantes de processos sociais e históricos.

Quanto à(s) língua(s) inglesa(s) da África do Sul, Smit e Wissing (2000) dizem que o inglês sul-africano é um conglomerado de muitas variantes dessa língua, mas que, normalmente, é subdividido em três grupos, que são identificados por meio de uma rotulagem étnica e, também, problemática. São eles: inglês sul-africano indiano (*Indian South African English*), inglês sul-africano branco (*White South African English*) e inglês sul-africano negro (*Black South African English*).

A partir de Mukhuba (2005), pode-se observar que o entendimento do inglês na África do Sul passa pela compreensão da sua história e chamar as nomenclaturas anteriormente citadas de problemáticas tem relação direta ao fato de se retomar no campo teórico a segregação praticada no *apartheid*.

No entanto, agora, a intenção não é discriminar de forma preconceituosa, mas demonstrar uma realidade que, infelizmente, fora formada, em grande parte, pela discriminação racial e, agora, é bem representada por tais termos.

Se a política linguística do *apartheid* falhou ao tentar apagar diversas línguas africanas, substituindo-as pelo Africâner e pelo inglês – embora ainda seja um desafio para o país colocar estas línguas que foram desfavorecidas em situação de paridade com o Africâner e o Inglês – a forma como a língua inglesa é usada pelos diferentes povos da África do Sul pode ser vista em grande parte como uma herança dessa política (MUKHUBA, 2005).

Conforme Silva (2018), embora as barreiras étnicas venham sendo quebradas e velhas diferenças venham sendo diluídas, cada comunidade étnica tem o seu próprio inglês com diferenças de pronúncia, entonação, vocabulário e, às vezes, até diferenças gramaticais. O autor também ressalta que, em grande parte, isso se deve ao *apartheid*, que separava comunidades em diferentes áreas residenciais, bem como as crianças nas escolas por base étnica.

Para Van Rooy (2002), ao se referir especificamente ao inglês sul-africano negro, diz que este demonstra ter características do inglês de outros lugares do continente africano, como por exemplo, a neutralização da vogal central, principalmente, o *schwa*, enquanto que, no uso das consoantes, se assemelha às outras variedades nativas da língua inglesa, embora exista uma simplificação dos grupos consonantais.

Sobre o inglês sul-africano negro, Van Rooy (2002) também afirma que uma característica importante é o ritmo da fala, que é sincronizado, diferente de outras variedades que podem ser caracterizadas como tendo um tempo estressado.

O Oxford English Dictionary (SOUTH AFRICAN ENGLISH, 2018), ao explicar acerca do inglês sul-africano, diz usar como base o inglês sul-africano branco, descrevendo-o como o Inglês que corresponde amplamente às pessoas urbanas e educadas em inglês. Percebe-se que esse é usado como referência ou como a forma culta dentre as variedades de inglês do país, por isso reafirma-se o adjetivo problemático à forma como a língua inglesa é subdivida no país.

Inclusive, conforme Oxford English Dictionary (SOUTH AFRICAN ENGLISH, 2018), as principais diferenças do inglês sul-africano (branco) estão no uso das vogais:

The symbols used for several of the South African vowels are less precise than their use in other varieties. For example, in some words the /ɪ/ vowel will sound closer to /ə/ whilst still being in a stressed syllable. Some vowels reflected as /ɒ/ may sound similar to /ɔ:/ but significantly shorter. Some vowels transcribed as /e/ may sound longer, or some transcribed as /ei/ sound more steady (a sound like /e:/). In some words, /ʌ/ and /æ/ may also sound very similar to each other (SOUTH AFRICAN ENGLISH, 2018, s.p.).

Traduzindo: os símbolos usados para várias das vogais Sul-Africanas são menos precisos do que o uso em outras variedades. Por exemplo, em algumas palavras a vogal / will / soará mais perto de / ə / enquanto ainda estiver em uma sílaba acentuada. Algumas vogais refletidas como / ɒ / podem parecer semelhantes a / ɔ: /, mas significativamente menores. Algumas vogais transcritas como / e / podem parecer mais longas, ou algumas transcritas como / ei / soam mais constantes (um som como / e: /). Em algumas palavras, / ʌ / e / æ / também podem parecer muito semelhantes entre si. Quanto às consoantes, o Oxford English Dictionary (SOUTH AFRICAN ENGLISH, 2018, s.p.) destaca que “*the consonants l, m, and n can take on the function of a vowel in some unstressed*”, ou seja, as consoantes l, m e n podem assumir a função de uma vogal em alguns sons não estressados.

Para explicar as diferenças da vertente inglesa sul-africana indiana, Mesthie (2006) expõe que ela se formou a partir de imigrantes da Índia na África do Sul, surgida da intensa imigração de trabalhadores que enfrentariam condições precárias e serem explorados nas lavouras no século XX.

Conforme Mesthie (2006), o inglês sul-africano indiano tem algumas características especiais, como uma forte presença do gerúndio e da duplicação e do particípio dos verbos, como por exemplo: *I'm running-runnig, but I can't catch him*, que no inglês padrão poderia ser dito: *even though I was running fast (and for long) I couldn't catch him*. Já com os adjetivos é comum ocorrer o mesmo, por exemplo: *big-big apples (many and big apples)*, ou seja, mais do que compreender que existe uma única forma no Inglês sul-africano, deve-se entender que há

diferentes formas de uma país que não possui somente uma etnia em sua formação, mas várias feições e culturas.

Considerações finais

Estudar a língua inglesa, a partir da África do Sul, é uma boa forma de perceber o tamanho e a importância desse idioma que, muitas vezes, é visto sob uma dicotomia simplista. Pode-se, portanto, verificar que, muito além do inglês britânico e do inglês americano, podem existir diversas variações, mesmo dentro de um mesmo país, como é o caso da África do Sul.

É possível perceber o quanto a África do Sul é marcada por questões étnicas e o quanto ainda é desafiador para o país diminuir as desigualdades e distribuir de forma mais justa as suas inúmeras riquezas. Existem diversos obstáculos sul-africanos em termos de política, economia e consolidação da democracia, entretanto, o país já deu provas que pode vencer grandes desafios, pois um importante passo foi dado com o término do *apartheid*.

O fim da institucionalização de um pensamento preconceituoso, no qual o desenvolvimento se daria com a segregação e com supressão de direitos, pois, na África do Sul, prevaleceu a ideia da diversidade como algo positivo e a luta pelo respeito dessa diversidade veio a vigorar como marco na história desse sofrido povo.

A história da África do Sul com a língua inglesa é vasta desde os tempos da colonização até presentemente, com destaque ao período que compreende o *apartheid*. A forma como a língua inglesa é usada nos dias atuais no país é, em grande parte, uma herança desses tempos de segregação e cerceamento de direitos.

O *apartheid* deixou não somente cicatrizes, mas ferimentos ainda expostos e, no que se refere à língua inglesa, o país está, ainda, dividido, e mesmo que algumas barreiras estejam se diluindo, a língua dessa nação, inclusive, é uma metáfora da segregada sociedade sul-africana.

O inglês sul-africano pode ser dividido em três ramificações: branco, negro e indiano. No entanto, há um movimento de diminuição dessas diferenças. Existem características peculiares quanto à pronúncia, entonação, vocabulário e gramática do inglês sul-africano.

O inglês negro tem traços que se assemelham ao de outros lugares da África, como a neutralização da vogal central. Pode-se encontrar o inglês branco caracterizado como o inglês culto da África do Sul, em virtude da forma de aquisição e do contexto histórico e o som das vogas é citado como uma das principais particularidades. Já o inglês indiano, por sua vez, destaca-se pelo uso do gerúndio e pela duplicação de algumas palavras.

A diversidade da África do Sul e as questões que a acompanham podem ser vistas por meio da sua variedade linguística. O inglês é uma das onze línguas oficiais e, mesmo que pareça só mais uma língua dentre muitas, assim como as outras que não foram aqui pormenorizadas, possui uma história extensa e uma pluralidade que dela resulta. Sendo o inglês uma língua oficial da África do Sul, e considerando seu caráter global, certamente o acesso a uma aquisição digna dessa língua é um direito que todos os sul-africanos precisam conquistar, junto a tantos outros.

Referências

ÁFRICA DO SUL. **Constituição da república da África do Sul**. Cidade do Cabo: Governo da África do Sul, 1996. Disponível em: <https://www.gov.za/documents/constitution-republic-south-africa-1996>. Acesso em: 5 jun. 2018.

AMOA, Jewel; BENNETT, Tom. The freedoms of religion and culture under the South

African Constitution: do traditional African religions enjoy equal treatment? **African Human Rights Law Journal**, Pretoria, v. 8, n. 2, p. 357-375, 2008. Disponível em: http://www.ahrlj.up.ac.za/images/ahrlj/2008/ahrlj_vol8_no2_2008_amoah_bennett.pdf. Acesso em: 5 jun. 2018.

GOUGH, David H. English in South Africa. In: SILVA, Penny. **Dictionary of South African English on historical principles**. Oxford: Oxford University Press, 1996.

LOPES, Nei; MACEDO, José Rivair. **Dicionário de história da África: séculos VII a XXI**. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

MACEDO, José Rivair. **História da África**. São Paulo: Contexto, 2013.

MAGNOLI, Demétrio. **Uma gota de sangue: história do pensamento racial**. São Paulo: Contexto, 2009.

MALULEKE, Mikateko Joyce. Culture, tradition, custom, law and gender equality. **PER**, Potchefstroom, v. 15, n. 1, p. 2-22, 2012.

MENESES, Maria Paula. A questão negra entre continentes: possibilidades de tradução intercultural a partir das práticas de luta? **Sociologias**, Porto Alegre, ano 18, n. 43, p. 176-206, set. – dez. 2016. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/soc/v18n43/1517-4522-soc-18-43-00176.pdf>. Acesso em: 15 jun. 2018.

MESTHIE, Rajend. **English in language shift: the history, structure and sociolinguistics of South African Indian English**. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.

MSIMANG, Sisonke. **All's is not forgiven**. Nova York: Foreign Affairs, 2018.

MUKHUBA, Theophilus Thisaphungo. Bilingualism, language attitudes, language policy and language planning: a sociolinguistic perspective. **Journal of Language and Learning**, Northumberland, U.K., v. 3 n. 2, p. 268-278, 2005. Disponível em: http://webpace.buckingham.ac.uk/kbernhardt/journal/jllearn/3_2/mukhuba.pdf. Acesso em: 15 jun. 2018.

MUTUA, Makau Wa. **Limitations in religious rights: problematizing religious freedom in the african context**, v. 5. Buffalo: Buffalo Human Rights Law Review, 1999.

SOUTH AFRICAN ENGLISH. Oxford English Dictionary. Oxford: Oxford University Press, 2018. Disponível em: <http://www.oed.com/>. Acesso em: 15 abr. 2018.

PEREIRA, Analúcia *et al.* **Brics: as potências emergentes**. Petrópolis: Vozes, 2013.

PEROVANO, Dalton Gean. **Manual de metodologia da pesquisa científica**. Curitiba: InterSaber, 2016. Disponível em: <http://www.intersaber.com/item-catalogo/manual-de-metodologia-da-pesquisa-cientifica/>. Acesso em: 15 abr. 2018.

PILLING, David; COTTERILL, Joseph. **Jacob Zuma's exit gives ANC a final chance in South Africa**. Financial Times, Londres; Johannesburg, 2018. Disponível em: <https://www.ft.com/content/b4d39db6-1308-11e8-940e-08320fc2a277>. Acesso em: 15 jun. 2018.

RIBEIRO, Luiz Dario Teixeira; SILVA, Luiz Reis da. **Relações internacionais da Ásia e da África**. Curitiba: InterSaber, 2015.

SILVA, Penny. **South African English: oppressor or liberator?** The Major Varieties of English - Mavien. Växjö: Växjö University, 1997. Disponível em: https://www.ru.ac.za/media/rhodesuniversity/content/dsae/documents/articles/Silva_article.pdf. Acesso em: 15 abr. 2018.

SMIT, Ute; WISSING, Daan. Investigating BSAE in the new millennium: on the potential and problems of language attitude research. *In: FIRST INTERNATIONAL CONFERENCE ON LINGUISTICS IN SOUTHERN AFRICA*, 1. 2000, Cidade do Cabo. **Anais...** Cidade do Cabo: University of Cape Town, 2000.

SOUTH AFRICA GDP per capita (current prices, us dollars) statistics. **Economy Watch**, [s.l.], ago. 2019. Disponível em: <http://www.economywatch.com/>. Acesso em: 10 jun. 2018.

VAN ROOY, Berturs. Black South African English: phonology. *In: MESTHRIE, Rajend. Language on South Africa*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.

VAN WYK, Jo-Ansie. A sociedade sul-africana em transformação: alguns mitos e verdades. *In: VISENTINI, Paulo G. Fagundes; DANILEVICZ, Analúcia. África do Sul: história, estado e sociedade*. Brasília: FUNAG; CESUL, 2010, p. 209-234. Disponível em: http://funag.gov.br/loja/download/709-africa_do_Sul_-_Historia_Estado_e_Sociedade.pdf. Acesso em: 15 jun. 2018.

VISENTINI, Paulo Fagundes; RIBEIRO, Luiz Dario Teixeira; PEREIRA, Analúcia Danilevicz. **História da África e dos africanos**. Petrópolis: Vozes, 2014.

Artigo recebido em 23/05/19. Aceito em 23/08/19.

A PRESENÇA DA CULTURA DOS PAÍSES DE LÍNGUA INGLESA NO BRASIL

The presence of the culture of the English language countries in Brazil

Laiara Yuri Boso ¹
Ronaldo Casagrande¹
Andrea Stefania Piazza¹

Resumo: O presente artigo possui como objetivo principal a avaliação da presença da cultura dos países de língua inglesa no Brasil, apresentando alguns exemplos de aspectos influenciados. Justifica-se este trabalho na presença constante e muito difundida das culturas estrangeiras no país, sobretudo as nações que possuem o idioma inglês como oficial. O método de pesquisa empregado constitui-se pela pesquisa bibliográfica e estudo de caso. As pesquisas bibliográficas orientaram e justificaram os argumentos aqui utilizados. Já o estudo de caso se fez no âmbito cultural, na análise e formulação dos números e estatísticas contidos neste. Os aspectos culturais abordados e avaliados permeiam pelo cinema, alimentação, música e principalmente, a linguagem. Por fim, constatou-se que a cultura dos países de língua inglesa se faz presente em quase todos os aspectos culturais brasileiros de maneira palpável e visível.

Palavras-chave: Cultura. Língua inglesa. Presença.

Abstract: This article has as main objective the evaluation of the presence of the culture from English Language countries in Brazil, showing examples of some influenced aspects. The paper is justified by the constantly presence and widespread foreign cultures in the country, especially from the nations which have the English as official language. The research method used is based in bibliographic research and a case study. The bibliographic research guided and justified the arguments used here. Moreover, the study case was made in the cultural aspect, with the numbers and statistics utilized in this article. The cultural aspects utilized were through cinema, food, music and language. Lastly, it was verified that the culture of the English language countries are present in almost all the Brazilian cultural aspects in a visible and palpable way.

Keywords: Culture. English language. Presence.

Introdução

Ao longo da história é de fácil percepção a forte presença e influência da cultura dos países de língua inglesa mundialmente, especialmente da Inglaterra e dos Estados Unidos. A hegemonia da Inglaterra em todo mundo, e conseqüentemente no Brasil, deu-se por alguns fatores históricos, tais como o seu forte poderio econômico, especialmente entre os séculos XVIII e XX, alavancado pela Revolução Industrial, e a expansão do colonialismo britânico. O EUA, por sua vez, com seu alavancar político-militar a partir da Segunda Guerra Mundial e com a marcante influência econômica e cultural, solidificam o inglês na posição de padrão para a comunicação internacional.

Desta forma, nosso país possui uma série de características culturais advindas desses locais e que influem direta e indiretamente no modo de vida e sociedade aqui instaurado, uma vez que Cultura é todo complexo que inclui conhecimento, crença, arte, leis, moral, costumes, e quaisquer outras capacidades e hábitos adquiridos pelo homem enquanto membro de uma sociedade que tem suas singularidades e que, ao mesmo tempo, é influenciada por outras civilizações, bem como também as influencia (TYLOR, 1871).

¹ Centro Universitário Leonardo Da Vinci – UNIASSSELVI – Rodovia BR 470 – Km 71 – nº 1.040 – Bairro Benedito – Caixa Postal 191 – 89130-000 – Indaial/SC Fone (47) 3281-9000 – Fax (47) 3281-9090 – Site: www.uniasselvi.com.br.

Logo, justifica-se este artigo na demonstração da forte presença e influência da cultura dos países falantes do inglês na sociedade brasileira. Desse modo, o principal objetivo é mostrar, por meio de dados estatísticos e de bibliografias relacionadas ao assunto, que os aspectos culturais estrangeiros estão aqui presentes e podem ser observados nas músicas, filmes, alimentação e, sobretudo, linguagem.

Iniciando o presente artigo, mostrar-se-á a metodologia aplicada para o desenvolvimento deste, e, após, o referencial teórico, que embasa todos os argumentos aqui apresentados, destacando a hegemonia cultural britânica e estadunidense em todo o mundo, com enfoque no Brasil e a definição de cultura, bem como sua influência na construção de uma sociedade. Por fim, apresentar-se-á dados estatísticos relacionados à presença de alguns elementos, aqui presentes, provenientes da cultura inglesa e que exemplificam e comprovam toda literatura ressaltada.

Referencial teórico

A relação entre o Brasil e os países de língua inglesa se deu desde a sua colonização, quando Portugal estabelecia relações com a Inglaterra. A primeira aliança entre os países se deu ao longo do século XVII na exploração do comércio açucareiro, com a intenção de receber proteção, como Fausto elucida:

[...] ao longo do século XVII, a Coroa seria levada a estabelecer relações desiguais com uma das novas potências emergentes: a Inglaterra [...]. Em poucas palavras, a Coroa buscava a proteção política inglesa, dando em troca vantagens comerciais. Um bom exemplo disso é o tratado imposto por Cromwell em 1654, em que se garantia aos ingleses o direito de negociar com a colônia brasileira, exceto no tocante aos produtos monopolizados pela Companhia Geral do Comércio. O sistema de frotas só foi abandonado em 1765, quando o Marquês de Pombal resolveu estimular o comércio e restringir o crescente papel dos ingleses (FAUSTO, 1996, p. 33).

Nesse contexto, a influência inglesa no Brasil se fez presente de maneira inevitável. Além do mais, a Inglaterra foi pioneira na industrialização, no movimento conhecido como Revolução Industrial, e no século XVIII aumentou ainda mais o prestígio e disseminação cultural mundial.

[...] ocorria na Inglaterra uma revolução silenciosa, sem data precisa, tão ou mais importante do que as mencionadas, que ficou conhecida como Revolução Industrial. A utilização de novas fontes de energia, a invenção de máquinas, principalmente para a indústria têxtil, o desenvolvimento agrícola, o controle do comércio internacional são fatores que iriam transformar a Inglaterra na maior potência mundial da época. Na busca pela ampliação dos mercados, os ingleses impõem ao mundo o livre comércio e o abandono dos princípios mercantilistas, ao mesmo tempo em que tratam de proteger seu próprio mercado e o de suas colônias com tarifas protecionistas. Em suas relações com a América espanhola e portuguesa, abrem brechas cada vez maiores no sistema colonial, por meio de acordos comerciais, contrabando e aliança com os comerciantes locais (FAUSTO, 1996, p. 67).

Além do mais, a presença inglesa no Brasil em meados do século XVIII era tão grande que a monarquia portuguesa precisou limitá-la: “Portugal era um país atrasado, com relação às grandes potências europeias. Dependia da Inglaterra, de quem em troca recebia proteção diante da França e da Espanha. Ainda assim, a monarquia lusa procurava manter o sistema colonial e limitar a crescente presença inglesa no Brasil” (FAUSTO, 1996, p. 67).

Além da Inglaterra e o seu império, outro país de língua inglesa tornou-se uma potência mundial: os Estados Unidos. A influência deste país no Brasil iniciou logo na sua independência:

O mundo observa os EUA a mais de dois séculos. [...] No fim do século XVIII, a Declaração de Independência e a Constituição circulavam que iam dos grotões das Minas Gerais a Paris. Tiradentes, no Brasil, e Robespierre, na França, pareciam ter encontrado naquelas colônias recém-libertas um exemplo concreto do Novo Mundo pelo qual lutavam (KARNAL, 2007, p. 14).

A relação deste país com o Brasil sempre se mostrou bastante estreita. Segundo Karnal (2007, p. 6), os EUA foram os primeiros a reconhecer a independência do Brasil e Dom Pedro II simpatizava com eles, além disto, eventos culturais ocorriam com a presença de representantes dos países e, de acordo com o autor, “pareciam entrever uma relação cultural intensa” (KARNAL, 2007, p. 19). A República Brasileira, ainda segundo Karnal (2007), estreitou os laços americano-brasileiros adotando um regime presidencialista e modelo federal dos EUA. “Tanto o futuro quanto o passado pareciam pertencer às relações Brasil-EUA” (KARNAL, 2007, p. 19) e, aliando estas relações com a influência americana no mundo inteiro devido a sua prosperidade e ascensão após a Segunda Guerra Mundial, é inegável a presença de aspectos culturais dos EUA no Brasil.

Assim, é possível observar a presença das relações destes países com o Brasil e a influência que exerceram a sua história. Analisar-se-á, portanto, alguns aspectos culturais em que é notável a presença destes.

Música

A relação entre música e cultura é estrita, uma vez que a conceituação do termo “cultura” a apresenta como as manifestações artísticas de um povo. Desta maneira, a música é essencialmente cultura. Por meio dela o homem pode expressar-se, transmitir seus pensamentos e emoções. Assim, as manifestações musicais variam de acordo com a localização geográfica de povo para povo, ou então de acordo com as posições sociais daqueles que a consomem.

A cultura musical estrangeira faz-se presente no Brasil desde o século XX, com o advento das rádios que possibilitaram a expansão da comunicação e levaram a massa a conhecer a cultura musical. Segundo o jornal GGN, em uma reportagem sobre as músicas nacionais e internacionais do século XX:

Uma revolução ocorreu na música do século XX com o ganho de popularidade do rádio pelo mundo. Como ela já não era mais limitada a concertos e clubes tornou-se possível aos artistas da música ganhar rapidamente fama nacional e até internacional. Da mesma forma, o público poderia agora estar exposto a um leque maior de opções. Música de todo gênero tornou-se cada vez mais portátil. A música do século XX trouxe maior experimentação com novos gêneros musicais de diferentes continentes e começaram a se fundir de alguma forma (BARANOV, 2014, s.p.).

Desta maneira, a interferência estrangeira, sobretudo dos países de língua inglesa, nas rádios brasileiras iniciou e perdura até hoje. A Tabela 1, a seguir, elucida a presença das músicas estrangeiras nas rádios brasileiras na era da rádio, da década 1900 a 1970, comparando o número de músicas mais tocadas, brasileiras e estrangeiras:

Tabela 1. As músicas mais tocadas das rádios brasileiras no século XX

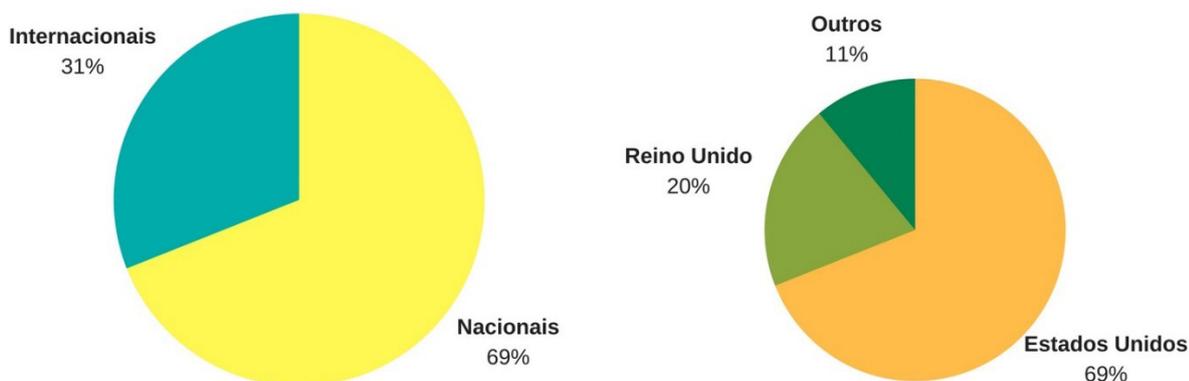
DÉCADA	NÚMERO DE MÚSICAS	BRASILEIRAS	ESTRANGEIRAS	ESTRANGEIRAS DE LÍNGUA INGLESA
1900	10	6	4	3
1910	10	10	0	0
1920	50	31	19	19
1930	100	94	6	5
1940	100	91	9	7
1950	100	83	17	14
1960	100	57	43	37
1970	100	48	52	50

FONTE: Os autores (2018).

Em 1980, em plena Guerra Fria, o Rock'n roll ganha força mundial e se torna símbolo musical da década, como Baranov (2014, s.p.) destaca: “no Brasil, o rock, o punk e a new wave tiveram alta receptividade entre os jovens dos centros urbanos, e as rádios foram invadidas por músicas inglesas e norte-americanas [...]” Desta maneira, a cultura musical americana e inglesa adentram ainda mais no dia a dia brasileiro. Nos anos 90, com o advento da internet, a música estrangeira se tornou ainda mais acessível.

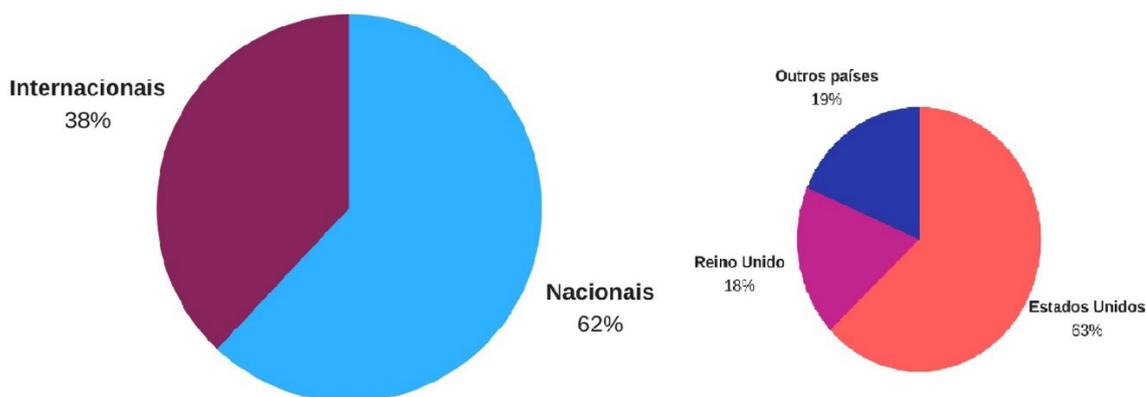
Para observar a presença das músicas estrangeiras nos anos 2000 e na atualidade, deve-se, portanto, levar em consideração fatores da evolução tecnológica, como a aquisição de CDs e exposição em serviços de *streaming* na internet, pois tais ferramentas tornaram-se meios de consumo mais recorrentes que a rádio. Estes consumos estão ilustrados por meio dos gráficos 1 e 2, em que mostram o número de CDs e *singles* que alcançaram o selo de disco de ouro por meio da associação Pró-música Brasil. Tal selo, segundo a associação, é fornecido aos CDs e *singles* que alcançam um número de vendas considerável no país, sendo os produtos nacionais a marca de 40.000 vendas e internacionais 20.000.

Gráfico 1. Números de selos alcançados por CDs e singles nacionais e internacionais na década de 2000



FONTE: Os autores (2018).

Gráfico 2. Números de selos alcançados por CDS e singles nacionais e internacionais na década de 2010*



*2010 à maio de 2018

FONTE: Os autores (2018).

Assim, é possível constatar a presença da cultura musical inglesa no Brasil ainda muito constante na atualidade.

Cinema

Cinema, segundo o dicionário (RIOS, 2010, p. 173), é a arte de compor e realizar filmes cinematográficos. Desta maneira, o cinema é uma expressão artística em que se transmite em poucas horas uma história em um filme. Neste contexto, inevitavelmente a cultura presente na trama é apresentada ao público, sendo responsável pela disseminação desta e a naturalização destas práticas culturais no dia a dia.

A presença constante de filmes estrangeiros de uma mesma nacionalidade nos cinemas transmite a cultura de maneira gradual sendo assimilada pelo público, ficando mais em evidência no cenário nacional. Desta maneira, é possível observar a grande proximidade entre cultura e cinema, e a vantagem em manter a indústria cinematográfica de um país com visibilidade internacional.

Just as movies reflect the anxieties, beliefs, and values of the cultures that produce them, they also help to shape and solidify a culture's beliefs. Sometimes the influence is trivial, as in the case of fashion trends or figures of speech. [...] However, sometimes the impact can be profound, leading to social or political reform, or the shaping of ideologies (LULE, 2012, p. 388).

Assim como os filmes refletem ansiedades, crenças e valores das culturas que os produzem, eles também ajudam a moldar e solidificar as crenças da cultura. Às vezes a influência é trivial, como no caso das tendências de moda ou figuras de linguagem. [...] No entanto, às vezes o impacto pode ser profundo, estimulando reformas sociais ou políticas, ou moldando ideologias (LULE, 2012, p. 388, tradução dos autores).

A presença do cinema estrangeiro de países de língua inglesa no Brasil é notória. Segundo dados da revista Guia da Semana, entre os meses de abril e dezembro de 2018, 203 filmes estrearam/estrearão em cartaz nos cinemas brasileiros. Destes, 135 são estrangeiros, sendo 93 americanos e outros dez de outros países de língua inglesa. Desta maneira, pode-se afirmar que mais da metade dos filmes exibidos nos cinemas brasileiros são originalmente de língua inglesa, sendo dominado pela indústria americana.

The relationship between movies and culture involves a complicated dynamic; while American movies certainly influence the mass culture that consumes them, they are also an integral part of that culture, a product of it, and therefore a reflection of prevailing concerns, attitudes, and beliefs. In considering the relationship between film and culture, it is important to keep in mind that, while certain ideologies may be prevalent in a given era, not only is American culture as diverse as the populations that form it, but it is also constantly changing from one period to the next (LULE, 2012, p. 383).

A relação entre os filmes e cultura envolve uma dinâmica complexa. Enquanto os filmes americanos certamente influenciam a cultura da massa que os consomem, eles também são parte integral desta cultura, um produto dela, e também uma reflexão sobre preocupações que estão prevalecendo, atitudes e crenças. Considerando a relação entre filme e cultura, é importante ter em mente que, enquanto algumas ideologias possam prevalecer em uma determinada era, esta também está constantemente mudando de um período para outro (LULE, 2012, p. 383, tradução dos autores).

Alimentação

Woodward diz que “a cozinha é o meio universal pelo qual a natureza é transformada em cultura”, além de ser “uma linguagem por meio da qual falamos sobre nós próprios e sobre nossos lugares no mundo” (WOODWARD, 2000, p. 42 *apud* FELIPE, 2012, p. 3). Desse modo, a alimentação não pode deixar de ser estudada como tema importante para a percepção da cultura de um povo e sua presença ou influência em outras culturas, pois “aquilo que comemos pode nos dizer muito sobre quem somos e sobre a cultura na qual vivemos”, sendo que “[...] a comida é um meio pelo qual as pessoas podem fazer afirmações sobre si próprias” (WOODWARD, 2000, p. 42 *apud* FELIPE, 2012, p. 3). Assim, os aspectos da alimentação não podem ser dissociados da cultura e da identidade de um povo.

No Brasil é notória a presença de traços gastronômicos dos países de língua inglesa. Percebe-se isso no fast-food, termo criado pelos irmãos Richard e Maurice McDonald, no final da década de 40 e introduzido neste país em meados de 1950 e que aqui representados por grandes marcas como McDonald’s, Burger King e Habib’s, principal pedida para o almoço americano em virtude de terem um café da manhã reforçado e buscarem uma alimentação rápida para um corrido dia de trabalho, no qual não é permitido perder tempo.

A expansão dos serviços de alimentação do tipo fast-food está ligada a uma demanda crescente, por parte da população, de rapidez a baixo custo e de uma suposta qualidade. De modismo, esta passou a ser a opção permanente para um número crescente de consumidores urbanos. Desta forma, atualmente observa-se não só a venda de hambúrgueres, mas de pizzas, de cachorro-quente ou hot dog, entre outros. Ao mesmo tempo aumentou o consumo de refrigerantes, especialmente a famosa Coca-Cola, molhos artificiais industrializados, produtos lácteos e sorvetes (BLEIL, 1998, p. 12).

Assim, é mais que comprovada presença da questão alimentícia dos países falantes de língua inglesa na sociedade brasileira.

Linguagem

Sendo a língua um conjunto de palavras utilizadas por um povo para se comunicar e interagir (RIOS, 2010, p. 418), ela é um elemento fundamental no estabelecimento da cultura de um país ou região. Ademais, é também por meio da linguagem que uma civilização pode influenciar outra.

É o caso da influência da língua inglesa no mundo inteiro e conseqüentemente no Brasil. Segundo os estudiosos, é desde a fase colonial que nosso país tem contato com tal idioma, como ressalta Lima:

Acredita-se que o primeiro contato do Brasil com a língua inglesa tenha ocorrido por volta de 1530, quando um aventureiro inglês conhecido como William Hawkins, traficante de escravos, desembarcou na costa brasileira, tendo assim o primeiro contato com os lusitanos e os nativos (LIMA, 2008, p. 2).

É perceptível a presença de vocábulos ou expressões da língua inglesa no léxico da língua portuguesa falada aqui no Brasil. Comumente se ouve palavras como *feedback*, *coffee-break*, *hot dog*, *delivery*, *drive-thru*, *shopping*, além de muitas outras. Visto que o idioma se tornou a língua universal, falar inglês torna-se algo cada vez mais essencial.

A atual busca de informação aliada à necessidade de comunicação em nível mundial já fez com que o inglês fosse promovido de língua dos povos: americano, britânico, irlandês, australiano, canadense e sul-africano, à língua internacional. Sendo falado como língua-mãe por cerca de 400 milhões de pessoas, o inglês tornou-se a língua franca, o Latim dos tempos modernos, falado em todos os continentes por cerca de 800 milhões de pessoas. Estimativas, incluindo falantes com níveis de menor percepção e fluência, sugerem a existência atualmente de um total superior a um bilhão (DAVID, 2005, p. 210).

No Brasil é vasta a procura por cursinhos de inglês, bem como o crescimento das escolas de idiomas. Além disso, a língua passou a ser ensinada nas escolas. De acordo com Lima (2008), o ensino formal da língua inglesa no Brasil se deu com o Decreto de 22 de junho de 1809, assinado por D. João VI, príncipe regente de Portugal, mandando criar uma escola de língua francesa e outra de língua inglesa (LIMA, 2008), assim “é muito provável que os primeiros professores de inglês tenham surgido nesse momento” (CHAVES, 2004, p. 5 *apud* LIMA, 2008, p. 2).

De lá para cá, com exceção dos anos iniciais da proclamação da república, nos quais o ensino de inglês deixou de ocorrer, o currículo das escolas brasileiras abarcou sempre com relevância do aprendizado da língua inglesa, tendo este garantido pela LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação) e orientado pelos PCN (Parâmetros Curriculares Nacionais).

Metodologia

O presente artigo é de natureza de pesquisa bibliográfica, análise e descrição. Os dados aqui utilizados são de fontes bibliográficas, adquiridos por meio de livros, artigos e reportagens jornalísticas. Os gráficos e números apresentados foram calculados estatisticamente pelos autores, baseando-se nas pesquisas bibliográficas citadas.

Por meio das pesquisas ocorridas, há a apresentação de conceitos importantes para o desenvolvimento deste *paper* e o embasamento científico necessário para a argumentação e articulação da dissertação aqui defendida.

Abordaram-se análises qualitativas: a relação entre Brasil/Inglaterra e Brasil/Estados Unidos e os aspectos culturais destes países aqui presentes. Além do mais, análises quantitativas estiveram presentes, na abordagem de estatísticas e números que comprovam as análises qualitativas apresentadas.

Considerações finais

O Brasil possui raízes coloniais portuguesas, contudo, a cultura dos países de língua inglesa está presente desde os primórdios. As relações entre Brasil colonial e Inglaterra marcam apenas o início de uma influência constante e cada vez maior de nações tidas como potências mundiais.

Nota-se que apesar de se abordar o termo “países de língua inglesa”, a predominância na presença cultural e relações com o Brasil centram-se em duas nações: Inglaterra e Estados Unidos. Isto se dá pela inegável influência destes no mundo inteiro, inclusive nas demais localidades de língua inglesa.

É impossível negar esta influência diante dos dados apresentados: cerca de 40% das músicas mais consumidas no Brasil são estrangeiras, a maioria de língua inglesa. Além disso, mais da metade dos filmes exibidos nos cinemas brasileiros são originados de países de língua inglesa. O país também está cada vez mais adepto ao fast-food, consumindo marcas e produtos estrangeiros. A língua inglesa, por sua vez, é extremamente difundida. Diversas escolas de idiomas existem pelo país e aprendê-la é cada vez mais necessário. Além do mais, a língua portuguesa adotou muitas palavras desta origem e o estrangeirismo é muito presente.

Neste contexto, observa-se que nossa cultura está cada vez mais abrangente e abraçou a cultura dos falantes de língua inglesa com facilidade, uma vez que as mídias propiciam a assimilação destas, naturalizando-as e tornando-as parte do cotidiano. Os aspectos analisados: música, cinema, alimentação e língua são apenas alguns de vários tópicos que poderiam ser abordados, pois é possível observar estas presenças em quase toda a atmosfera cultural brasileira. Esta assimilação não é produto apenas das relações primordiais com a Inglaterra ou da simpatia do Brasil com os Estados Unidos: é tendência mundial com um fenômeno chamado globalização.

Referências

BARANOV, Tamara. A música nacional e internacional no Brasil do século XX. **Jornal GGN**, Rio Claro, 6 jan. 2014. Disponível em: <https://jornalggn.com.br/video/a-musica-nacional-e-internacional-no-brasil-do-seculo-xx>. Acesso em: 30 maio 2018.

BLEIL, Suzana Inez. O padrão alimentar ocidental: considerações sobre a mudança de hábitos no Brasil. **Revista Cadernos de Debate**, Campinas, v. 6, p. 1-25, 1998. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/3322764/mod_resource/content/1/o-padrao-alimentar-ocidental-consideracoes-sobre-a-mudanca-de-habitos-no-brasil.pdf. Acesso em: 25 maio 2018.

BORIS, Fausto. **História do Brasil**: história do Brasil cobre um período de mais de quinhentos anos, desde as raízes da colonização portuguesa até os nossos dias. 14. ed. São Paulo: Edusp – Editora da Universidade de São Paulo, 1996.

DAVID, Patricia Denicoló. **O inglês no mundo**: língua de prestígio. 2005. 215 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Marechal Cândido Rondon, 2005. Disponível em: <http://saber.unioeste.br/index.php/trama/articlo/view/217/152>. Acesso em: 25 jun. 2018.

FAUSTO, Boris. História do Brasil. São Paulo: EDUSP, 1996. Disponível em: [https://www.in-taead.com.br/ebooks1/livros/hist%F3ria/12.Hist%F3ria%20do%20Brasil%20-%20Boris%20Fausto%20\(Col%F4nia\).pdf](https://www.in-taead.com.br/ebooks1/livros/hist%F3ria/12.Hist%F3ria%20do%20Brasil%20-%20Boris%20Fausto%20(Col%F4nia).pdf). Acesso em: 25 jun. 2018.

FELIPE, Taís Briani. **O tema alimentação em aulas de língua inglesa: por uma abordagem da alimentação como cultura.** 2012. 4 f. Trabalho acadêmico (Graduação em Letras) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2012. Disponível em: http://www.lettras.ufscar.br/linguasagem/edicao19/reflexoes/reflexoes_ensino_linguas_03.pdf. Acesso em: 25 jun. 2018.

KARNAL, Leandro. **História dos Estados Unidos.** 1. ed. São Paulo: Contexto, 2007.

LIMA, Gislaine P. **Breve trajetória da língua inglesa e do livro didático de inglês no Brasil.** 2008. 7 f. Projeto de pesquisa (Certificação para professores de inglês) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2008. Disponível em: <http://www.uel.br/eventos/sepech/sepech08/arqtxt/resumos-anais/GislainePLima.pdf>. Acesso em: 25 jun. 2018.

LULE, Jack. **Mass communication, media and culture.** New York: Flat World Knowledge, 2012. Disponível em: <https://2012books.lardbucket.org/books/mass-communication-media-and-culture/>. Acesso em: 24 jun. 2018.

RIOS, Dermival Ribeiro. **Grande dicionário unificado da língua portuguesa.** São Paulo: DCL, 2010.

TYLOR, Edward Burnett. **A cultura primitiva.** 1871.

Artigo recebido em 23/05/19. Aceito em 23/08/19.



TIPOS DE VARIAÇÕES LINGUÍSTICAS

Linguistics variations types

Jaili Dark de Lucena Alves¹

Schypriann Vieira Mendes Ouriques¹

Valmir Effting¹

Resumo: O presente trabalho tem como objetivo de pesquisa discutir os tipos de variações linguísticas e identificar os aspectos que influenciam o ensino das diversidades linguísticas no Brasil. Optou-se pelo uso da pesquisa qualitativa, na qual foram utilizadas como principais fontes livros, artigos de revistas e materiais publicados nos meios eletrônicos para análise de diferentes tipos de variação linguística em diferentes gêneros textuais (como anúncio, carta, charge). Os resultados correspondem a um conjunto de orientações dos Parâmetros Curriculares Nacionais quanto aos tipos de variação linguística (variação diacrônica, diatópica, diastrática, diafásica e diamésica) e à conscientização sobre o combate ao preconceito linguístico e sobre a compatibilidade de trabalhar as variações linguísticas com gêneros textuais.

Palavras-chave: Variação linguística. Gêneros textuais. Preconceito linguístico.

Abstract: The present work has the objective to discuss linguistic variations types and identify the aspects that influence linguistic diversities teaching in Brazil. The option was a qualitative research in which books, journal articles and electronic materials were used as main sources for the different types of linguistic variation in different textual genres (such as advertisement, letter, charge) analysis. The results correspond in a set of the National Curricular Parameters orientations, regarding the types of linguistic variation (diachronic, diatopic, diastratic, diasphasic and diametrical variation) and the struggle against linguistic prejudice awareness and working with linguistic variations with textual genres compatibility.

Keywords: Linguistic variation. Textual genres. Linguistic prejudice.

Introdução

Variante da língua portuguesa, o português do Brasil, ou português brasileiro, falado por mais de 200 milhões de brasileiros, dentre outros falantes mais, é caracterizado por variações linguísticas (aqui também chamadas de diversidades linguísticas) resultantes de contextos históricos, geográficos e socioculturais, evidenciados principalmente nas diferentes falas que compõem a língua vernácula brasileira. Essas variações são consideradas no senso comum, por muitas vezes, como falhas da considerada norma padrão, principalmente nos ambientes formais de ensino e aprendizagem, que também falham quanto à abordagem do tema, por dar brecha ao preconceito linguístico, que é o termo dado para as causas de discriminação quanto à língua e linguagem, levando muito mais em consideração a gramática normativa e, por vezes, esquecendo sobre a prática cotidiana da comunicação.

Auxiliado por conceitos sociolinguísticos e utilizando-se de alguns gêneros textuais produzidos nas inúmeras circunstâncias diárias de comunicação, o presente estudo procura verificar a heterogeneidade da língua e os fatores de divergência entre teoria e prática que tangem ao ensino e aprendizagem da mesma, buscando possibilidades que desconstruam a inflexibilidade frente aos usos concretos da língua, além de pretender encontrar métodos que aproximem as vertentes da norma padrão com as variações linguísticas e a língua escrita com a falada. Nesse contexto, o objetivo de pesquisa é discutir os tipos de variações linguísticas e identificar os aspectos que influenciam o ensino e aprendizagem das diversidades linguísticas no Brasil.

¹ Centro Universitário Leonardo da Vinci – UNIASSELVI – Rodovia BR 470 – Km 71 – n. 1.040 – Bairro Benedito – Caixa Postal 191 – 89130-000 – Indaial/SC Fone (47) 3281-9000 – Fax (47) 3281-9090 – Site: www.uniasselvi.com.br.

É necessário construir um ensino e aprendizagem que reforce a utilização adequada da língua em todas as suas formas e contextos, extinguindo as parcelas negativas relacionadas ao assunto, para a ampliação do repertório linguístico dos estudantes de educação básica em contexto brasileiro, pois, o que nos caracteriza por sociedade é nossa colaboração mútua, e esta facilita-se com nosso poder de comunicação.

As variações linguísticas serão discutidas através de excertos retirados de materiais didáticos, livros, revistas, conversas reais, a partir da ótica dos estudos apresentados pela sociolinguística.

Introdução à Sociolinguística e à variação linguística

A Sociolinguística é uma área da Linguística que estuda a língua falada, relacionando-a com a sociedade e, de acordo com Alkmim (2005, p. 21 *apud* SELL; GONÇALVES, 2011, p. 4), “[...] a história da humanidade é a história de seres organizados em sociedade e detentores de um sistema de comunicação oral, ou seja, uma língua”.

É indiscutível a intrínseca relação existente entre língua e sociedade, no entanto, como afirma Saussure (1975, p. 15 *apud* FRANK; KANITZ, 2012-2013, p. 232), “O ponto de vista cria o objeto”. Apesar de estar vinculado à corrente estruturalista (a qual os estudos sociolinguísticos opõem-se), Saussure já reconhecia um fator social na língua. Saussure não reconheceu a influência de fatores sociais para realizar a análise da estrutura da língua. Neste contexto, vale destacar que cada estudo da linguagem, obtido da associação entre língua e sociedade, será determinada pelos fatores em que cada estudioso se insere.

O americano William Labov, ao publicar, em meados de 1960, suas pesquisas evidenciando a importância de fatores sociais para o entendimento da língua, torna-se amplamente conhecido como o fundador da sociolinguística variacionista. Segundo ele, a variação linguística é natural e essencial à linguagem humana, e a língua é o objeto de estudo da sociolinguística, sendo a língua “[...] o instrumento que as pessoas usam para se comunicar com os outros na vida cotidiana” (LABOV, 2007, p. 2).

É justamente essa movimentação natural da língua que varia de acordo com aspectos históricos e culturais, nos diversos contextos regionais, temporais, sociais e interacionais, que constituem a variação linguística. Segundo Camacho (2005, p. 61 *apud* SELL; GONÇALVES, 2011, p. 79), “Justamente por acreditarem que a variação consiste numa espécie de caos organizado, cujos princípios merecem ser escrutinados, é que os sociolinguistas voltaram a atenção para seu exame”. Ao ser estudada, a variação linguística foi dividida em alguns tipos, os quais serão discutidos na seção de resultados e discussões.

Variações linguísticas e o preconceito linguístico

No Brasil, essa pluralidade linguística resultante do contato das várias línguas indígenas, línguas trazidas por colonizadores e imigrantes, além das diversas variações do próprio Português, deve ser reconhecida, na escola e na sociedade em geral, como um patrimônio cultural. No entanto, observa-se ainda um ensino estagnado em rotulações de “certo” e “errado”, que segundo Bagno (2007, p. 61-63 *apud* SELL; GONÇALVES, 2011, p. 148): “[...] estão relacionadas com crenças sociais e culturais, visões de mundo e juízos de valor que as pessoas têm”. Tais rotulações podem mudar com o tempo, como as relações sociais e culturais entre homens e mulheres, ou as crenças religiosas e raciais, dentre tantas outras.

Os estudos de Marcos Bagno apontam ainda características do preconceito linguístico que vão além dessa ideia de correção sobre “certo” e “errado”, como, por exemplo, ser um ato que remete ao poder político e à permanência controladora das classes sociais com maior poder

aquisitivo sobre as de menor poder aquisitivo, fatores evidenciados nitidamente quando tratamos uma língua ou dialeto geralmente usados pelos que têm mais fácil acesso ao conhecimento, como tendo mais prestígio.

Orientações dos PCN, gêneros textuais e relação de trabalho entre variações linguísticas e gêneros textuais

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) recomendam um ensino e aprendizagem comprometido com o desenvolvimento eficaz das competências comunicativas por parte dos discentes, orientando que:

O domínio da linguagem, como atividade discursiva e cognitiva, e o domínio da língua, como sistema simbólico utilizado por uma comunidade linguística, são condições de possibilidade de plena participação social. Pela linguagem os homens e as mulheres se comunicam, têm acesso à informação, expressam e defendem pontos de vista, partilham ou constroem visões de mundo, produzem cultura. Assim, um projeto educativo comprometido com a democratização social e cultural atribui à escola a função e a responsabilidade de contribuir para garantir a todos os alunos o acesso aos saberes linguísticos necessários para o exercício da cidadania (BRASIL, 1998, p. 19).

A validação de uma heterogeneidade linguística é também enfatizada no seguinte trecho dos PCN:

No ensino-aprendizagem de diferentes padrões de fala e escrita, o que se almeja não é levar os alunos a falar certo, mas permitir-lhes a escolha da forma de fala a utilizar, considerando as características e condições do contexto de produção, ou seja, é saber adequar os recursos expressivos, a variedade de língua e o estilo às diferentes situações comunicativas: saber coordenar satisfatoriamente o que fala ou escreve e como fazê-lo; saber que modo de expressão é pertinente em função de sua intenção enunciativa, dado o contexto e os interlocutores a quem o texto se dirige. A questão não é de erro, mas de adequação às circunstâncias de uso, de utilização adequada da linguagem (BRASIL, 1998, p. 31).

A compreensão interacionista da língua, proposta nos PCN, fundamenta-se no uso do texto como instrumento de trabalho do docente, considerando a importância de sua pluralidade e dinâmica nos diversos contextos sociais. A influência das variedades linguísticas, em textos orais e escritos, por sua vez, será perceptível para os alunos através de determinadas estruturas gramaticais, contidas nos diferentes gêneros textuais, estabelecendo-se uma relação inevitável entre estes e as variedades linguísticas. Há de se abrir espaço, aqui, para uma breve explicação sobre o que são gêneros textuais: os gêneros textuais são classificações sobre as produções de textos, essas classificações são inúmeras, uma vez que existem inúmeras possibilidades de expressão, e o que assemelha ou difere um gênero textual de outro são características como a linguagem utilizada, o formato do texto, a intenção comunicativa, dentre outras mais. Barbosa (2001, p. 158 *apud* SELL; GONÇALVES, 2011, p. 177) enfatiza a pertinência dos gêneros discursivos para o ensino da língua, salientando que:

[...] - os gêneros do discurso permitem capturar, para além dos aspectos estruturais presentes no texto, também aspectos sócio-históricos e culturais, cuja consciência é fundamental para favorecer os processos de compreensão e produção de textos;
- os gêneros do discurso nos permitem concretizar um pouco mais a que forma de dizer em circulação social estamos nos referindo, permitindo que o aluno tenha parâmetros mais claros para compreender ou produzir textos, além de possibilitar que o

professor possa ter critérios também mais claros para intervir eficazmente no processo de compreensão e produção de seus alunos;

- os gêneros do discurso (e possivelmente agrupamentos) fornecem-nos instrumentos para pensarmos mais detalhadamente as sequências e simultaneidades curriculares nas práticas de uso da linguagem (compreensão e produção de textos orais e escritos).

Para complementar ainda mais a importância do trabalho com variedades linguísticas e gêneros textuais, consegue-se afirmar que estas práticas para ensino e aprendizagem propõem uma contrariedade quanto ao problema do preconceito linguístico (gerador de exclusão social). Nas variadas formas de produção de textos, pode ser utilizada uma linguagem diversificada, quando adequada ao contexto a que se insere. Não é o caso de classificá-la como uma linguagem errada, uma vez que a comunicação clara seja efetivada. Contudo, deve-se enfatizar também sobre o emprego da forma padrão da língua (ou gramática normativa), já que esta serve para ajudar na organização da produção linguística, o que, como vimos, reflete diretamente na sociedade.

Materiais e métodos

O desenvolvimento deste trabalho guia-se por uma metodologia qualitativa, considerando-se que a obtenção de dados se deu de forma descritiva e há articulação da fundamentação teórica com um contato verídico com as situações estudadas. Tendo em vista a preocupação em estruturar um estudo que contribua com o conteúdo investigado, pode-se afirmar que a pesquisa se caracteriza como exploratória, sendo essencial a abordagem e compreensão das idiossincrasias atribuídas ao assunto exposto. Pensando na finalidade dos procedimentos, que consistiam em, a partir dos estudos explorados, encontrar o conhecimento necessário para o desenvolvimento de um ensino e aprendizagem que concilie, dentro do âmbito escolar, e para além deste, competências e habilidades linguísticas que integrem teoria e prática no conhecimento das diversidades linguísticas, considerou-se necessária a utilização de objetos de análise. Os critérios para a escolha dos objetos de análise estão ligados à ideia de facilitar a compreensão dos conteúdos e de aproximar teoria e prática (conforme propôs-se na introdução), já que, de certa forma, todos (os objetos) de análise explicitam a utilização real de cada variação.

A seleção de dados, como já citado na introdução, deu-se por meio de materiais encontrados e retirados de alguns sites da internet (meio eletrônico/virtual), por apresentarem a significação almejada.

Para o desenvolvimento de trabalhos acadêmicos é necessário o estudo do conteúdo a ser abordado, rebuscando embasamento teórico. Em seguida, necessita-se do reconhecimento da problemática na prática, para que se encontre uma linha coerente de raciocínio com finalidade de solução(ões) da(s) questão(ões).

O presente trabalho fora elaborado seguindo as condições mencionadas anteriormente, além de atender a um prazo determinado.

Resultados e discussões: tipos de variações linguísticas

Como o presente trabalho tem como objetivo de pesquisa discutir os tipos de variações linguísticas e identificar os aspectos que influenciam o ensino das diversidades linguísticas no Brasil, são apresentados, a seguir, os dados de análise, separados pelos tipos de variações linguísticas: diacrônica, diatópica, diastrática, diafásica e diamésica. Além também de um debate sobre preconceito linguístico.

Variação diacrônica

A variação diacrônica refere-se às mudanças linguísticas históricas apresentadas por qualquer língua com o passar do tempo. No português brasileiro, por exemplo, ao pesquisar textos de outras épocas, podemos constatar quão distinto é o Português atual do Português arcaico, pois inúmeras palavras e expressões que foram usadas outrora caíram no desuso, cedendo lugar para novas formas. De acordo com Lima (2013), “a variação diacrônica de uma língua processa-se lenta e gradualmente, havendo, por vezes, um período de transição até que se legitime uma nova forma linguística”. Pode-se verificar diferenças, principalmente na gramática, no léxico e às vezes na ortografia. A exemplo, há a palavra “você”, que etimologicamente origina-se na expressão de tratamento de deferência “vossa mercê”, transformando-se sucessivamente em “vossemecê”, “vosmecê”, “vancê”, até chegar à forma utilizada atualmente, sendo esta, muitas vezes alterada (principalmente na linguagem virtual) para a abreviação “vc”. Confira na figura a seguir outro exemplo de variação diacrônica.

Figura 1. Objeto de análise 1: Anúncio do Instituto Ludovig, anos 20



Fonte: <<https://www.propagandashistoricas.com.br/2013/02/instituto-ludovig-anos-20.html>>. Acesso em: 17 maio 2018.

Variação diatópica

De acordo com Silva (2014), as variedades linguísticas provenientes de diferenças geográficas referem-se às variações diatópicas. Enquadram-se aqui variações de ordem principalmente semântica e fonológica. Como exemplo da diferença semântica, podemos utilizar a expressão “liso”, que para nordestinos tem significação de “sem dinheiro”, como em: “Paula, eu estou liso!”. Já para os florianopolitanos, a referente expressão tem significado sobre alguém que está sempre tentando escapar de alguma situação em que é culpada, como em: “Aquele rapaz aprontou comigo e não assumiu a culpa. Ele é um liso!”.

Quanto à fonologia, utilizemos a palavra “leite”, que em determinada região pronuncia-se “leitchi”. Outro exemplo que permite observar um pouco mais as diferenças semânticas na variação diatópica está apresentado no objeto de análise 2, o qual, na estrutura do corpo de seu texto, apresenta primeiramente uma palavra mais padronizada de nosso vocabulário, e logo em seguida uma expressão, gíria ou jargão típicos da cultura nordestina.

Quadro 1. Objeto de análise 2: sou cem por cento nordestino

SÓ quem é NORDESTINO entende!...

Botão de som é pitôco;
Se é muito miúdo é pixotinho;
Rascunho é borrão;
Machucar ferimento é desmentir;
Lápis de cor é coleção;
Bom demais é pai d'égua;
Fazer uma travessura é fazer uma arte;
Se for resto é cotôco;
Tudo que é bom é massa;
Tudo que é ruim é peba;
Rir dos outros é mangar;
Brigar é arengar;
Ficar cheio de não me toque, frescura, é pantim;
Já faltar aula é gazear, turistar;
Colar na prova é filar;
Quem é franzino (pequeno e magro) é xôxo;
O bobo se chama leso;
E o medroso se chama acagaçado, frouxo;
Tá com raiva é invocado;
Vai sair, diz vou chegar;
'Caba' (homem) , sem dinheiro é liso;
A moça nova é boyzinha;
Pernilongo é muriçoca;
Chicote se chama relho, açoite;
Quem entra sem licença emburaca;
Sinal de espanto é 'vôte;
Tá de fogo, tá bicado;
Quando tá folgado, tá folote ou afolozado;
Quem tem sorte é cagado;
Pedaço de pedra é xêxo (seixo);
Sangrar, transbordar é esborrotar!
Lombada é catabilho;
Estilingue é baladeira, bodoque;
Cabide é ombreira, cruzeta;
Colisão é abalroada!
Surfar caminhão é morcegar;
Lagartixa é briba;
Pedaço de barbante é imbira;
Eita que é engraçado sô!!!

Fonte: <<http://eliorefecruzlima.blogspot.com.br/2010/03/rememorias-dois.html>>. Acesso em: 17 maio 2018.

Como pode-se perceber, muitas das palavras e expressões típicas de alguma região, acima, a nordestina, diferenciam-se um tanto das usadas em outros locais. Essas diferenças, conforme explica Araújo (20--), fazem parte do chamado regionalismo, e este é proveniente de fatores históricos da cultura regional, sendo o dialeto uma de suas principais formas de expressão, além de o regionalismo também fazer parte da literatura romântica brasileira.

Variação diastrática

Em concordância com o que explica Silva (2014), as variedades sociais que abrangem todas as alterações linguísticas produzidas pelo âmbito em que se desenvolvem os falantes,

levando-se em consideração: faixa etária, estrato social, sexo (gênero), profissão ou grupos que compartilham uma atividade específica, entre outros, relacionam-se com a variação diastrática. As gírias adotadas por interesse comum de um grupo, tal como: skatistas, surfistas, estudantes, cantores de rap, de funk, assim como os jargões, que fazem parte do léxico profissional de determinados grupos, como jornalistas, médicos, policiais etc., são consideradas variações diastráticas. Pode-se verificar o exposto nos objetos de análise 3 e 4.

Quadro 2. Objeto de análise 3: entrevista com vencedor de concurso de surf

REPÓRTER – Qual foi a bateria que você mais surfou até hoje?
SURFISTA – Foi no Cristal Grafiti. A onda veio abrindo inteira, dropei no crítico, fiz o bottom turn de backside, subi e dei um rasgadão. Aí deixei cair lá embaixo, subi novamente, dei outra rasgada e, quando ela engordou, adiantei, dei um cutback bem agachado e bati na espuma. Veio a junção e mandei uma esbaçada, depois foi aquela marolagem, enganação. (revista **HARDCORE**, setembro de 1991).

Fonte: <http://portaldoprofessor.mec.gov.br/fichaTecnicaAula.html?aula=9821&request_locale=es.>. Acesso em: 16 maio 2018.

Como se pode observar no objeto de análise acima, desde a pergunta feita pelo repórter a praticamente toda a resposta do surfista, encontramos exemplos de variações diastráticas, pois, ao perguntar, o repórter utiliza a palavra bateria, a qual, no contexto em que está inserida, transformou-se em um jargão da profissão surfista, e pode-se entender como etapa, ou outros exemplos, tais como as expressões: bottom turn de backside, nome técnico de uma manobra de surf e rasgadão, nome dado, aqui no Brasil, para outra manobra. Encontram-se também gírias, como marolagem, a qual o próprio surfista admite atuar como enganação.

Figura 2. Objeto de análise 4: fator profissional



Fonte: <<https://descomplica.com.br/blog/portugues/resumo-variacao-linguistica/>>. Acesso em: 17 maio 2018.

Ao observar o objeto de análise 4, percebe-se um efeito de humor trazido pelo autor da charge, que criou uma fala completamente formal para o personagem de terno, contrapondo a expectativa de linguagem do surfista, que geralmente usa gírias e jargões para se comunicar.

Variação diafásica

A variação diafásica caracteriza-se pela escolha da linguagem a ser utilizada em determinado contexto comunicativo. Segundo Silva (2014, s.p.), “a ocasião determina o modo como

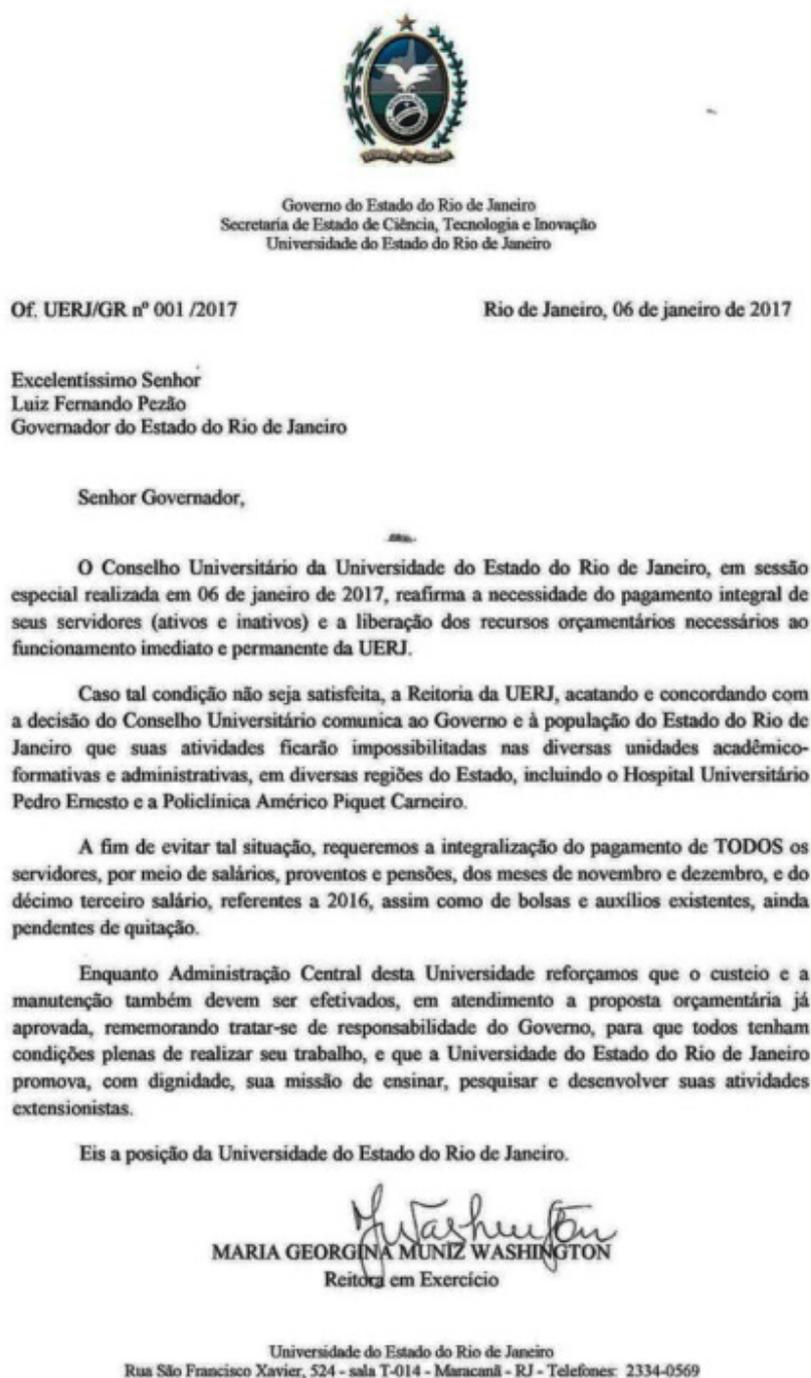
falaremos com o nosso interlocutor, podendo ser formal ou informal”. Por exemplo, para uma entrevista de emprego, é comum que utilizemos uma linguagem mais formal, diferentemente de quando estamos entre amigos, em que permitimo-nos utilizar uma linguagem mais despojada, ou ainda, como observaremos nos exemplos a seguir, as diferenças de formalidade existentes entre a escrita de uma carta a um amor, e uma carta ao governador.

Quadro 3. Objeto de análise 5

Palhoça, 18 de maio de 2018.
Olá Amor1! Como estás e estão as coisas por aí? Espero que bem, ou, caso contrário, o que posso fazer para ajudar? Vim por meio desta carta afirmar que dentro desse tempo em que nos conhecemos, já nos conhecíamos há muito mais tempo. É algo relacionado à vida, talvez destino... Também, porque preciso esclarecer, mesmo que de maneira sucinta, a certeza que vivo em relação à nossa amizade, ao nosso amor, para que jamais penses que possa ser algo passageiro. Creio no propósito das coisas e sei bem que não é à toa vires habitar a mesma cidade que eu, frequentares a mesma instituição de ensino, fazeres o mesmo curso e estudar com o mesmo intuito, que é transformar a sociedade em algo melhor, que é salvar vidas! Mas, ainda assim, não são só essas pequenas coincidências, se assim posso dizer, é toda essa compatibilidade existente entre nós, até mesmo durante as diferenças. Devo ser grato a DEUS a todo momento, por tempo infinito, e com a intensidade do teu sorriso! Com amor para o amor!
Amor2

Fonte: Os autores (2018).

Figura 3. Objeto de análise 6: reitoria da UERJ envia carta ao (des)governador Pezão alertando para o risco de cessação de todas as suas atividades



Fonte: <<https://blogdopedlowski.com/2017/01/07/reitoria-da-uerj-envia-carta-ao-des-governador-pezaao-alertando-para-o-risco-de-cessacao-de-todas-suas-atividades/>>. Acesso em: 17 maio 2018.

Nos objetos de análise 5 e 6, ao procurar exemplos de variações diafásicas, percebe-se no objeto de análise 5, uma carta com linguagem mais coloquial, com a presença de Marcadores Conversacionais, que, de acordo com Zhenhong e Jatobá (2018), são características trazidas ao texto, próprias de uma conversa, como a expressão “se assim posso dizer” encontrada na déci-

ma primeira linha do objeto de análise 5, e este objeto de análise apresenta-se, também, com menor precisão de informações em seu cabeçalho, e sem a inclusão de pronomes de tratamento (não que não se possa ou deva utilizar) por se tratar de uma intenção de comunicação entre pessoas próximas, com maior intimidade e sem a gravidade de um tema problemático.

Já no objeto de análise 6, por ser uma carta mais formal, pode-se observar uma maior quantidade de informações no cabeçalho, como por exemplo, o logo da instituição remetente, e também aparecem, no texto, pronomes de tratamento como Excelentíssimo Senhor, devido à comunicação estar destinada a uma autoridade governamental, além de conter uma assinatura e uma localização completa da instituição remetente ao final do texto (informações finais que também deveriam aparecer no objeto de análise 5). Essas e outras características distintas, que podem aparecer em textos, dependendo do grau de formalidade a qual se inserem, é o que caracteriza a variação diafásica.

Variação diamésica

As variedades linguísticas concernentes à diferença entre a comunicação oral e escrita dizem respeito à variação diamésica, pois, conforme Ilari e Basso (2009 *apud* SVARTMAN, 201-), a variação diamésica é uma variação da língua que está associada aos diferentes meios ou veículos em que a comunicação se insere. O pequeno texto a seguir, produzido pelo apresentador Jô Soares, permite-nos reconhecer um pouco mais esta diferença, pois foi criado como uma transcrição próxima a alguma fala, quer seja real ou fictícia, explicitando dicotomias linguísticas.

Quadro 4. Objeto de análise 7

“Pois é. U português é muito fáciu di aprender, purqui é uma língua que a genti iscrevi ixatamente cumu si fala. Num é cumu inglês que dá até vontade di ri quando a genti descobri cumu é que si iscrevi algumas palavras. Im português, é só prestátenção. U alemão pur exemplu. Qué coisa mais doida? Num bate nada cum nada. Até nu espanhol que é parecidu, si iscrevi muito diferenti. Qui bom qui minha língua é u português. Quem soubé falá, sabi iscrevê”.

Fonte: SOARES, Jô. Veja, 28 nov. 1990, p. 19. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/acervodigital/home.aspx>. Acesso em: 17 maio 2018.

Para quem possui determinado domínio sobre a escrita do português brasileiro em sua forma padrão, fica fácil perceber que no objeto de análise acima, quase metade das palavras estão escritas com alguma variação em relação à norma padrão da língua portuguesa brasileira, como por exemplo, a palavra “português”, ou “fáciu”, as quais, em nossa língua escrita, escreve-se “português” e “fácil”, respectivamente. Há, ainda, “soubé”, “falá”, “sabi”, “si”, as quais, na forma padrão, são respectivamente: souber, falar, sabe, se. O autor do texto brinca com as diferenças entre a maneira a qual muitas vezes pronunciamos as palavras, e a forma como se deve escrever na forma padrão da língua portuguesa brasileira, trazendo a reflexão de que ocorre, de fato, a tal variação diamésica.

Discussões finais

Diante da análise dos elementos pautados na fundamentação teórica deste trabalho, evidenciamos a uniformidade dos autores citados quanto ao indiscutível vínculo existente entre língua e sociedade. A apresentação das variações linguísticas junto aos dados discutidos, permitiu, ainda, maior percepção quanto à existência real dessas diferentes formas de expressão.

A discussão feita pelos autores referenciados, pelo interacionismo, e pelas recomendações provenientes dos Parâmetros Curriculares Nacionais. Os PCN esclarecem que, principalmente na ação ensino e aprendizagem, não se deve induzir a uma fórmula inflexível de enunciação e interação comunicativa, pois a abrangente vivência do ser em sociedade abre espaço para inúmeras maneiras de comunicarmo-nos, fator criador dos inúmeros gêneros textuais, o que resulta, para o emprego destes últimos, uma fidelidade quanto ao tratamento das variações.

Seguindo os procedimentos selecionados, constatamos a vasta relevância de utilizar, para ensino e aprendizagem, os gêneros textuais, sendo estes, ferramentas essenciais para a aproximação do aluno com a diversidade linguística no que se refere a sua aplicação em cada contexto de produção da língua. Em concordância com os conceitos e reflexões apresentados nos materiais consultados, consideramos também essencial, para que haja uma desconstrução da intolerância linguística, compreensão, por parte da escola e dos docentes, da importância de familiarizarem-se e familiarizarem as alunas e alunos, de forma gradual, ao reconhecimento da associação norma padrão e demais variações linguísticas. Mesmo rebuscando apenas pequenos trechos dos PCN remetidos ao assunto delegado para esta pesquisa, sente-se a grande importância de conhecê-los, pois tamanha é sua competência democrática, conceitual e contextual, características estas que agregam demais na construção do saber.

Consideramos também como indispensável o uso dos meios tecnológicos para um aproveitamento eficaz dos discentes, visto que esses meios são praticamente vitais para a comunicação das atuais construções sociais. Inseridos de forma dinâmica, essas tecnologias certamente resultarão em um reconhecimento efetivo por parte dos alunos.

Conclusão

A partir do presente trabalho, intensificou-se o aprendizado acerca da relação língua e sociedade, conforme já explicavam os autores referenciados. Pela conceituação dos tipos de variações linguísticas, tornou-se possível contextualizá-los de forma concreta. Constatou-se a resistência ainda existente quanto à aceitação e reaprendizado das diferentes formas de expressão, acidentando no que é chamado de preconceito linguístico. Conclui-se, então, a necessidade de abordar e trabalhar as pluralidades linguísticas, principalmente no ambiente escolar, tratando-as como instrumentos mediadores de um ensino que resulte na prática consciente da língua. Para tal processo, mostra-se eficaz uma metodologia elaborada através dos gêneros textuais.

Referências

ARAÚJO, Felipe. **Regionalismo**. InfoEscola, [s.l.], [20--]. Disponível em: <https://www.info-escola.com/cultura/regionalismo/>. Acesso em: 7 fev. 2019.

BRASIL. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental - língua portuguesa**. Brasília: MEC; SEF, 1998. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/portugues.pdf>. Acesso em: 7 fev. 2019.

FRANK, Ingrid.; KANITZ, Andréia. O ponto de vista cria o objeto: relacionando a máxima saussuriana e a perspectiva teórico-metodológica da análise da conversa etnometodológica. **Cadernos do IL**, Porto Alegre, n. 46, jun. 2013. p. 229-243. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/cadernosdoil/article/view/36020/25720>. Acesso em: 16 abr. 2018.

LABOV, William. Sociolinguística: uma entrevista com William Labov. **ReVEL**, [s.l.], v. 5, n. 9, ago. 2007. Disponível em: http://www.revel.inf.br/files/entrevistas/revel_9_entrevista_labov.pdf. Acesso em: 17 abr. 2018.

LIMA, Luciana. Variação diacrônica. **Linguística em Foco**, [s.l.], out. 2013. Disponível em: <https://linguisticaemfoco.wordpress.com/2013/10/27/variacao-diacronica/>. Acesso em: 7 fev. 2019.

SELL, Fabíola Sucupira Ferreira; GONÇALVES, Alberto. **Sociolinguística**. Indaial: Grupo Uniasselvi, 2011.

SILVA, Débora. Variações linguísticas. **Estudo Prático**, [s.l.], out. 2014. Disponível em: <https://www.estudopratico.com.br/variacoes-linguisticas-diafasica-diatopica-diastratica-e-historica/>. Acesso em: 8 fev. 2019.

SVARTMAN, F. R. Aula 1: a dicotomia língua falada / língua escrita. *In*: SVARTMAN, F. R. **Introdução aos estudos da língua portuguesa II**. São Paulo: USP. [201-].

ZHENHONG, Xu; JATOBÁ, Júlio Reis. A utilização de marcadores conversacionais por aprendentes chineses de PLE. **SIPLE – Sociedade Internacional de Português Língua Estrangeira**, Lisboa, set. 2018.

Artigo recebido em 23/05/19. Aceito em 23/08/19.

VARIAÇÃO LINGUÍSTICA: língua e sociedade

Linguistic variation: language and society

Raquel Viana Macêdo¹

Joao Pedro Sousa Santos¹

Jhéssica Silva Santos¹

Clebson de Sousa Peixoto¹

Resumo: Com o presente estudo, objetiva-se discutir a variação linguística nos estudos da Língua Portuguesa, a relação entre língua e gramática normativa, variações linguísticas nos diferentes contextos sociais e preconceito linguístico. Para tanto, realiza-se uma pesquisa bibliográfica, com base em textos digitais, análises de livros e uma observação de sala de aula em uma turma de 8º ano de uma escola de educação básica de Marabá/PA. O estudo apresenta, ainda que sucintamente, a história da língua e como ela muda, partindo das raízes latinas até a atualidade. Em seguida, apresenta a relação divergente entre gramática prescritiva e língua, a qual é amplamente debatida a partir de: Bagno (1999) em *Preconceito linguístico: o que é, como se faz*, Teyssier (1982) em *História da língua portuguesa*, além de estudos disponíveis on-line. A pesquisa bibliográfica realizada contribuiu para refletir sobre os aspectos observados na turma de 8º ano de uma escola de Marabá/PA, em que foi possível compreender que as variações da língua não devem ser vistas como erro, mas como constitutivas da língua. A língua, nesse sentido, é viva e está sujeita a transformações, cabe ao falante adequar-se aos diferentes contextos e exigências sociais e linguísticas relacionados.

Palavras-chave: Língua. Variação linguística. Preconceito linguístico.

Abstract: The present study discuss linguistic variation in Portuguese language studies, the relationship between language and normative grammar, linguistic variations in different social contexts and linguistic prejudice. To do so, a bibliographic research is carried out, based on digital texts, book analyzes and a classroom observation in an 8th grade class from a Marabá/PA school of basic education. The study presents, briefly, the history of Portuguese and how it changes, starting from its Latin roots to the present day. It then presents the divergent relationship between prescriptive grammar and language, which is widely debated from: Bagno (1999) in *Language prejudice: what it is, how it is*, Teyssier (1982) in *History of the Portuguese Language*, among other works. The literature review contributed to reflect on the aspects observed in the field, where it was possible to understand that language variations should not be an error, but as constitutive of the language. Language, in this sense, is alive and is subject to transformations, and it is up to the speaker to adapt to the different contexts and related social and linguistic requirements.

Keywords: Language. Linguistic variation. Linguistic prejudice.

Introdução

A língua é algo vivo que está sempre se modificando através de diversos meios, o que implica considerarmos que possui variações. No entanto, a sociedade tende a resistir ao que é diferente. Assim, muitas vezes, pode surgir o preconceito linguístico, a não aceitação das variações, definindo-as como erro pelo simples fato de terem características diferentes da gramática normativa.

Pesquisadores (BAGNO, 1999; TEYSSIER, 1982) vêm estudando este fenômeno e mostrando que essas variações devem ser vistas não como um mero erro, mas como variações da língua, fruto de uma sociedade miscigenada. As variações, como constitutivas da língua, sempre existiram. O latim vulgar, que era uma língua falada por pessoas da classe baixa em seu cotidiano, a partir da variação, sofreu mudanças e deu origem a outras línguas, dentre as quais

¹ Centro Universitário Leonardo Da Vinci – UNIASSSELVI – Rodovia BR 470 – Km 71 – nº 1.040 – Bairro Benedito – Caixa Postal 191 – 89130-000 – Indaial/SC Fone (47) 3281-9000 – Fax (47) 3281-9090 – Site: www.uniasselvi.com.br.

está o Português. Neste contexto, destaca-se a importância da língua na prática comunicativa, uma vez que é preciso ter conhecimento da língua para falar em diferentes situações. Os estilos de linguagem se diferenciam em vários momentos.

O presente trabalho objetiva discutir a variação linguística nos estudos da língua portuguesa, a relação entre língua e gramática normativa, variações linguísticas nos diferentes contextos sociais e preconceito linguístico. Para tanto, realiza-se uma pesquisa bibliográfica, com base em textos digitais, análises de livros e vídeos e uma observação de sala de aula em uma escola de educação básica.

Partindo destes pressupostos, o presente trabalho está dividido através de subtemas, sendo eles respectivamente: relação entre língua e gramática normativa, A evolução da língua portuguesa, variações linguísticas nos diferentes contextos sociais e preconceito linguístico.

Metodologia

O presente trabalho foi realizado através da pesquisa qualitativa. Essa metodologia permite obter as informações por meio de diferentes instrumentos de investigação, distanciando-se da estatística. Assim, realizou-se a pesquisa bibliográfica através de arquivo digital, livros e histórias em quadrinhos para compreender o fenômeno da variação e preconceito linguístico. Além disso, ocorreu também a pesquisa de campo com registro fotográfico a partir da observação de cinco aulas de língua portuguesa com quarenta e cinco minutos cada, na turma de 8º ano de uma escola de educação básica de Marabá/PA, o que permitiu a geração de dados para alicerçar o trabalho com clareza e utilizando recursos para facilitar a compreensão.

A pesquisa bibliográfica realizada contribuiu para refletir sobre os aspectos observados na turma de 8º ano, possibilitando a compreensão de que as variações da língua não devem ser vistas como erro, mas como constitutivas da língua.

Relação entre língua e gramática normativa

Desde o princípio, o ser humano desenvolveu meios para suprir suas necessidades relacionadas à alimentação, moradia e vestimenta, vivendo em grupos. Através de seu raciocínio, acumulou e transferiu informações para seus descendentes e desenvolveu agricultura, domesticou animais, implantou a divisão de trabalho, organizou-se socialmente, desenvolveu a pecuária, descobriu o fogo. Portanto, modificou o mundo e permitiu modificar-se por ele. Em meio a todo esse processo, surge a linguagem oral e escrita com intuito comunicacional.

A língua, composta por regras e padrões gramaticais, que tornam possível a criação de enunciados, tem como objetivo a comunicação. Cada grupo de falantes segue suas regras e padrões gramaticais. Um falante de uma língua não pode achar que ela é apenas um amontoado de regras e padrões gramaticais. Como diz Bagno (1999, p. 8), “uma receita de bolo não é um bolo, o molde de um vestido não é um vestido, um mapa-múndi não é o mundo [...] também a gramática não é a língua”.

A evolução da língua portuguesa

O surgimento da língua portuguesa está profunda e inseparavelmente ligado ao processo de constituição da nação portuguesa. Na região central da atual Itália, o Lácio, vivia um povo que falava latim. Nessa região, foi crescendo e anexando novas terras ao seu domínio. Os roma-

nos chegaram a possuir um grande império e, a cada conquista eram impostos aos vencidos os seus hábitos, as suas instituições, os seus padrões de vida e a sua língua. Existiam duas formas de expressar o latim: o latim vulgar e o latim clássico¹.

O latim vulgar era somente falado. Era a língua do cotidiano, usado pelo povo analfabeto da região central da atual Itália e das províncias; soldados, marinheiros, agricultores, barbeiros, escravos etc. Era a língua viva, sujeita a alterações frequentes e por isso apresentava diversas variações. O latim clássico era a língua falada e escrita, apurada, artificial, rígida, era o instrumento literário usado pelos grandes poetas, prosadores, filósofos, retóricos. A expressão do latim que os romanos impuseram aos povos vencidos era a vulgar, estes povos eram muito diversificados e falavam línguas diferentes².

Contudo, podemos verificar o quanto o latim contribuiu para a inserção na história, anos mais tarde, de outras línguas, como a língua portuguesa. No Brasil, a língua portuguesa possui particularidades distintas daquela falada em Portugal ou outros países de língua portuguesa. Há, inclusive, vários dialetos falados no Brasil que são explorados em pesquisas sociolinguísticas por todo o território nacional. Como diria Teyssier (1982, p. 61):

O vocabulário do português, enriqueceu-se, como de todas as línguas europeias, com um número considerável de termos que designam conceitos e objetos relativos à civilização científica e técnica. Foi-se, por vezes, buscar no léxico existente a palavra própria para denotar o objeto novo (ex.: comboio), mas, na maior parte dos casos, recorreu-se, como nas outras línguas românicas – e sobre seu o modelo – as raízes greco-latinas; ex.: automóvel, autocarro, televisão. A língua continua, assim, a criar termos eruditos como sempre fez, desde as suas origens.

A língua portuguesa tem uma história de destaque entre as línguas de origem europeia, tornou-se um dos idiomas latinos presentes na África, América, Ásia e Europa, sendo falado por mais de 200 milhões de pessoas.

Com o passar dos tempos, a língua evoluiu de diversas formas até chegar na língua portuguesa de hoje, podendo perceber tanto na fala quanto na escrita. As palavras que antigamente não existiam no português, como: Facebook e WhatsApp, já fazem parte do nosso falar e escrever cotidiano de forma natural, como se já estivessem presentes desde muitos e muitos anos, embora sejam, na realidade, palavras inseridas há pouco tempo. A sociedade adotou e adaptou-se a essas e outras palavras que surgiram e que estão surgindo, pois a língua modificou-se no tempo, espaço, grupos sociais. Veja, no fragmento, um exemplo de variação linguística decorrente do tempo:

No Brasil Antigamente, as moças chamavam-se *mademoiselles* e eram todas mimosas e prendadas. Não faziam ano: completavam primaveras e em geral dezoito. Os janotas, mesmo não sendo rapagões, faziam-lhes pé de alferes, arrastando as asas, mas ficavam longos meses debaixo do balaio” (Carlos Drummond de Andrade).³

Ao refletirmos sobre o fragmento ora exposto, percebemos que nele existem certas expressões que já se encontram em desuso, tais como: *mademoiselles*, prendadas, janotas, pé

1 Reflexão parafraseada através da leitura de Diana (2017), disponível em: <http://www.todamateria.com.br/historia-da-lingua-portuguesa/>. Acesso em: 24 mar. 2018.

2 Reflexão baseada no site <http://www.infoescola.com/portugues/historia-da-lingua-portuguesa>. Acesso em: 24 abr. 2018.

3 Reflexão baseada em: www.algumapoesia.com.br/.../drummond_07.htm. Acesso em: 21 abr. 2018.

de alferes, balaio. Caso pudéssemos adequá-las ao vocabulário atual, restringindo-nos a uma linguagem mais coloquial, possivelmente substituiríamos os termos em destaque por mina, gatinha, maravilhosas, sarados, da ora, os manos, a galera, dava uma cantada, e assim por diante. Esse fato revela que a língua é dinâmica, sofre transformações com o passar do tempo em virtude de vários fatores advindos da própria sociedade, que também é totalmente mutável. Existem diferentes variações ocorridas na língua.

Variações linguísticas nos diferentes contextos sociais

A comunicação é a principal função da língua. Através dela, os homens argumentam, perguntam, ensinam. A língua faz parte do nosso cotidiano, e por isso é viva e representativa de diversidades.

Através das diversidades, surgem várias maneiras de falar. Na língua, portanto, há variantes presentes em todas as classes sociais, regionais e em determinadas situações que o indivíduo ocupa.

A língua se relaciona com a sociedade porque é a expressão das necessidades humanas de se congregarem socialmente, de construir e desenvolver o mundo. A língua não é somente a expressão da alma, ou do íntimo, ou do que quer que seja, o indivíduo; é acima de tudo, a maneira pela qual a sociedade se expressa como se fosse pela boca (SIGNORINI, 2002, p. 76-77).

Partindo desse pensamento, podemos dizer que a linguagem formal está associada a um padrão de conhecimento e é sempre privilegiada em situações comunicativas com autoridades. A linguagem informal nos permite fazer uso do nosso vocabulário coloquial, mais propício para falarmos com amigos, familiares e em situações descontraídas.⁴

Preconceito linguístico

Atualmente se fala muito em preconceito, mais especificamente em combate ao preconceito. Cada vez mais tem pessoas preocupadas com os malefícios sociais do mesmo. Entretanto, um determinado tipo de preconceito ainda é visto de forma velada, sem a devida atenção: o preconceito linguístico.

O preconceito, de forma geral, deve ser analisado, combatido e extinguido. Segundo Mariani (2008, p. 29), “Preconceito significa um julgamento que é formulado antes que todos os elementos que determinam uma situação tenham sido examinados”, ou seja, é algo feito de forma imediata e leiga, um pré-julgamento.

A partir da HQ (história em quadrinhos) a seguir, podemos explorar a concepção de preconceito linguístico:

4 Reflexão baseada em: SUCUPIRA, Fabíola; GONÇALVES, Alberto. **Sociolinguística**. Indaial: UNIASSELVI, 2011.

Figura 1. História em Quadrinhos



Fonte:

<<https://google/images/PDkXy2>>. Acesso em: 21 abr. 2018.

Na história em quadrinhos, temos um exemplo claro de preconceito linguístico. Chico Bento é corrigido pela professora e fica sem compreender o que a professora tenta dizer. No último quadrinho, podemos ver que a professora chega a dizer algo intrigante “... Quero você o fino no português”, como se seu português fosse feio. Chico Bento fala, na realidade, uma variação do português (caipira). A professora, ao corrigi-lo, não dá a devida relevância a isto, podendo ocasionar o preconceito.

O brasileiro criou inúmeras afirmações negativas a respeito do seu próprio falar, que, por vezes, alimentam o preconceito linguístico. Marcos Bagno, em sua obra *Preconceito linguístico: o que é, como se faz*, descreve estas afirmações como mitos do preconceito linguístico. Bagno (1999) os divide em oito, explica e desmistifica no decorrer de sua obra.

O mito 1 é talvez o mais conhecido: “a língua portuguesa falada no Brasil apresenta uma unidade surpreendente” (BAGNO, 1999, p. 15), embora reconheçamos que o português possui inúmeras variantes.

O mito 2 diz que “brasileiro não sabe português / só em Portugal se fala bem português” (BAGNO, 1999, p. 20). Falantes que concordam com esta afirmação devem levar em consideração que há muitos anos o Brasil deixou de ser colônia de Portugal, ou seja, iniciou sua própria trajetória e características culturais, inclusive a língua.

[...] Nosso português é diferente do português falado em Portugal. Quando dizemos que no Brasil se fala português, usamos esse nome simplesmente por comodidade e por uma razão histórica, justamente a de termos sido uma colônia de Portugal. Do ponto de vista linguístico, porém, a língua falada no Brasil já tem uma gramática – isto é, tem regras de funcionamento que cada vez mais se diferencia da gramática da língua falada em Portugal (BAGNO, 1999, p. 23-24).

Temos também o mito 3 de que “português é muito difícil” (BAGNO, 1999, p. 35). Desde que nascemos, temos por natureza humana aprender com facilidade a língua materna. Portanto, desde os quatro, cinco anos ou mesmo sendo analfabetos já falamos a língua materna, dominamos as regras gramaticais da mesma. A questão é que quando nos deparamos com outras

regras, que têm pouco significado para nós, dizemos que português é difícil. Portanto, devemos sempre lembrar da afirmação de Bagno (1999, p. 35): “no dia em que o ensino de português se concentrar no uso real, vivo e verdadeiro da língua portuguesa do Brasil, é bem provável que ninguém mais continue a repetir essa bobagem”.

O mito 4, “as pessoas sem instrução falam tudo errado” (BAGNO, 1999, p. 40), está firmado no pensamento de que a língua portuguesa verdadeiramente considerada e aceita é aquela inserida na ideia de “escola-gramática-dicionário”, o mesmo que dizer que a língua falada fora dessa ideia não é língua.

Já o mito 5 diz que “o lugar onde melhor se fala português no Brasil é o Maranhão” (BAGNO, 1999, p. 46). Este preconceito está ligado à ideia de que o português correto é o de Portugal. Como a maioria da ocupação do Maranhão foi portuguesa, então se deu esse mito.

Temos também o mito 6: “o certo é falar assim porque se escreve assim” (BAGNO, 1999, p. 52). A língua falada é diferente da escrita, uma vez que a língua falada sofre inúmeras influências nos diferentes contextos sociais. Veja o exemplo de Bagno (1999, p. 51): “diante de uma tabuleta escrita COLÉGIO é provável que um pernambucano, lendo-a em voz alta, diga CÓlégio, que um carioca diga CULégio, que um paulistano diga CÔlégio. E agora? Quem está certo? Ora, todos estão igualmente certos”.

O mito 7 diz que: “é preciso saber gramática para falar e escrever bem” (BAGNO, 1999, p. 62). Este mito é o mais aceito como verdade e, segundo o autor, ironicamente, é o mais óbvio para ser derrubado, basta uma simples análise: o que veio primeiro, a língua ou a gramática? A língua.

O último mito está ligado diretamente a questões sociais, ele diz que “o domínio da Norma culta é um instrumento de ascensão social” (BAGNO, 1999, p. 69). Considerar gramática como meio de ascensão social é um pensamento preconceituoso. Se isso fosse verdade, os professores estariam sempre no topo dos estratos sociais.

Para quebrar o ciclo vicioso do preconceito linguístico, deve-se tomar algumas atitudes: primeiro, é preciso aumentar o acesso à educação; segundo, passa a ser necessário reavaliar as formas de ensino do português; em terceiro lugar, é muito importante que a norma culta da língua brasileira se adéque à verdadeira língua e escrita dos seu falantes (BAGNO, 1999).

A variação linguística na escola

Podemos perceber que aos poucos as escolas estão se atentando às variações linguísticas, para evitar e combater o preconceito. Como exemplo, a seguir, temos fotos de uma turma de 8º ano de uma escola pública localizada em Marabá-PA, na qual se vê uma aula sobre variação linguística e alguns trabalhos realizados pelos alunos.

Figura 2. Alunos do 8º ano



Fonte: Os autores (2018).

A Figura 2 mostra uma aula sobre variação linguística, em que a docente da turma explica o conteúdo, realiza atividades e mostra exemplos de variação no cotidiano dos alunos. Os mesmos mostram interesse no assunto e realizam trabalhos referentes ao tema estudado.

Figura 3. Dicionários feitos pelos alunos



Fonte: Os autores (2018).

Conforme a Figura 3, percebemos que já se tem a preocupação em estudar as variações da língua em sala de aula, vemos também dicionários confeccionados pelos alunos, que mostram as variações da língua em diferentes contextos, em que pode-se caracterizar como variação diastrática, ou seja, está relacionada a diferenças linguísticas quanto à classe social, faixa etária, gênero ou até mesmo a um grupo profissional específico.

A atividade desenvolvida sinaliza a importância de valorizar a diversidade linguística presente em nosso país e perceber que o que tem sido denominado, muitas vezes, como desvios da língua na oralidade não são necessariamente erros, mas variações da língua. Assim, deve-se compreender que a língua é viva e se transforma inevitável e incessantemente.

Com a presente base nos estudos bibliográficos realizados neste trabalho, foi possível perceber que o fenômeno da variação é constitutivo da língua, embora seja tema de controvérsias na sociedade. Essas controvérsias estão pautadas, muitas vezes, em mitos que geram o preconceito linguístico (BAGNO, 1999), os quais desconsideram a história da língua, os diferentes contextos dos falantes, como classe social, região, faixa etária, sexo, escolaridade entre outros aspectos, para entendê-la única e exclusivamente como gramática normativa.

Então, percebemos que a língua varia em diferentes situações e lugares, o que implica entender que ela sofre mudanças constantemente. A língua, afinal, está associada à sociedade, contendo um conjunto de pessoas cujo linguajar é diferenciado, podendo haver diferentes maneiras na fala.

Considerações finais

A partir do desenvolvimento da presente pesquisa, foi possível observar a definição de língua e sua mudança ao longo dos tempos, trazendo explicações sobre a história da língua portuguesa, mostrando como ela evoluiu. Neste contexto, é evidente a existência das variantes linguísticas em dias atuais. É perceptível que a língua nos dá um leque de expressões, pois com

a sua flexibilidade, podemos falar de diferentes maneiras, para determinados públicos, contendo compreensão em diferentes contextos.

Ao analisarmos a obra *Preconceito Linguístico o que é, como se faz*, de Marcos Bagno, ficou claro como o preconceito linguístico está em nosso cotidiano e como ainda deve ser excluído de nossa realidade, uma vez que a língua possui suas variações, as quais não devem ser consideradas como erro, principalmente em uma sociedade tão mista, composta por cidadãos miscigenados como a brasileira. No entanto, como foi observado no decorrer do trabalho, já há escolas com docentes que procuram meios para mostrar e explicar a realidade linguística do Brasil. As variações existem e devem ser aceitas nos possíveis contextos, ou seja, se deve conciliar gramática com língua materna.

Referências

ANDRADE, Carlos Drummond de. Anticamente. In: **Quadrante** (1962), obra coletiva. Reproduzida em Caminhos de João Brandão José Olympio, 1970. Disponível em: <http://www.algumapoesia.com.br/drummond/drummond07.htm>. Acesso em: 21 abr. 2018.

ARAÚJO, Ana Paula de. **História da língua portuguesa no Brasil**. Infoescola. [s.l.], [20--]. Disponível em: <https://www.google.com/amp/s/www.infoescola.com/portugues/historia-da-lingua-portuguesa-no-brasil/amp/>. Acesso em: 24 abr. 2018.

BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico o que é, como se faz**. São Paulo: Loyola, 1999.

DIANA, Daniela. **A história da língua portuguesa**. Toda Matéria, [s.l.], 2017. Disponível em: <http://www.todamateria.com.br/historia-da-lingua-portuguesa/>. Acesso em: 24 mar. 2018.

MARIANI, Bethânia. Entre a evidência e o absurdo: sobre o preconceito linguístico. **Caderno de letras da UFF** – dossiê Preconceito Linguístico e cânone literário, Fortaleza, n. 36, p. 27-44, 2008.

SIGNORINI, Ines. **Linguagem e identidade**: elementos para uma discussão no campo aplicado. Campinas, SP: Mercado de letras, 2002.

SUCUPIRA, Fabíola; GONÇALVES, Alberto. **Sociolinguística**. Indaial: UNIASSELVI, 2011.

TEYSSIER, Paul. **História da língua portuguesa**. Paris, 1982.

Artigo recebido em 23/05/19. Aceito em 23/08/19.

A IMPORTÂNCIA DA LITERATURA NO ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA

The importance of literature in teaching portuguese

Heide Vasconcelos de Melo Ribeiro ¹

Clebson de Sousa Peixoto¹

Jeice Campregher¹

Resumo: O presente trabalho corresponde a uma pesquisa de campo. Ao mesmo tempo, apoia-se em aportes teóricos com o objetivo de refletir sobre a relevância da literatura na escola e na formação cidadã. Para tal trabalho, como metodologia aliada à bibliográfica, foi-se a campo e realizou-se a observação de aulas em uma escola municipal de Itupiranga/Pará. A partir da observação e das bases teóricas, realizou-se uma reflexão sobre a relevância da literatura em contexto escolar e, ainda, na formação de cidadãos atuantes e reflexivos em nossa sociedade atual. Diante de tal investigação, pôde-se compreender que ainda existem barreiras ao se trabalhar literatura em sala de aula. Por meio da pesquisa bibliográfica, compreendeu-se a literatura com a potencialidade transformadora de sujeitos, de ampliação do conhecimento de si mesmo e capaz de contribuir com a formação de cidadãos reflexivos. Dessa forma, torna-se essencial considerar o papel da literatura em nossas escolas, em especial, no tocante ao ensino de Língua Portuguesa. Além disso, há a possibilidade de inserir a literatura aos poucos em sala de aula, com metodologias que envolvam toda equipe escolar.

Palavras-chave: Leitura. Literatura. Formação de leitores.

Abstract: The present work corresponds to a field research. At the same time, it is based on theoretical contributions with the aim of reflecting on the relevance of literature in school and citizen education. For this purpose, complementarily to bibliographical research, the authors have gone to the field, and they have observed classes in a municipal school of Itupiranga/Pará. From the observation and the theoretical bases, a reflection was elaborated on the relevance of literature in a school context and on the formation of active and reflective citizens in our current society. Considering such research, it has been realized that there are still barriers to working literature in the classroom. Through the bibliographical research, we have understood that literature can potentially transform subjects, expand the knowledge of oneself, and contribute to the formation of reflective citizens. Thus, it is essential to consider the role of literature in our schools, especially in the teaching of Portuguese Language. In addition, there is the possibility of inserting the literature gradually into the classroom, with methodologies that involve all school staff.

Keywords: Reading. Literature. Training of readers.

Introdução

Neste *paper*, pretende-se refletir sobre a relevância da Literatura no ensino de Língua Portuguesa. Trata-se de uma pesquisa de campo e, ao mesmo tempo, bibliográfica — cujas reflexões são apoiadas por aportes teóricos.

Este trabalho levanta a seguinte problemática: por que não tem sido bem aceita a Literatura em sala de aula por parte dos alunos? Com base neste questionamento, este trabalho terá como objetivo geral mostrar, de modo claro e conciso, a definição da Literatura e algumas reflexões realizadas a partir de Todorov (2009) relatando a necessidade quanto ao hábito de ler, tanto para os alunos quanto para os professores, em razão do papel da escola.

Em sala de aula, procurou-se observar e compreender como a professora titular da turma do 9º ano do ensino fundamental trabalha a literatura em sala de aula numa escola do município de Itupiranga – Pará. Perante este primeiro contato, podemos definir uma reflexão concernente

¹ Centro Universitário Leonardo Da Vinci – UNIASSSELVI – Rodovia BR 470 – Km 71 – nº 1.040 – Bairro Benedito – Caixa Postal 191 – 89130-000 – Indaial/SC Fone (47) 3281-9000 – Fax (47) 3281-9090 – Site: www.uniasselvi.com.br.

a este assunto e trazer como foco principal a análise do conceito de Literatura, como a escola vem buscando mecanismos que insiram o aluno no ato de ler. Neste *paper*, portanto, Literatura significa uma instrução ou um conjunto de saberes ou habilidades de escrever e ler, especificamente, incorpora novas experiências para arte de escrever.

Durante as observações, a escola desenvolveu um projeto com o tema “sarau literário”. O Projeto foi desenvolvido pela escola em parceria com a Secretaria Municipal de Educação, que conta com um planejamento em rede, por meio do qual as instituições recebem instruções referentes ao planejamento educacional das escolas municipais. Nele foi discutido a respeito da Leitura e que cada turma abordaria um autor nacional. Cada turma escolheu sua forma de abordar o tema. A coordenação escolar escolheu o SARAU LITERÁRIO como uma forma de envolver todas as turmas.

Na próxima seção está disposta a fundamentação teórica e outros delineamentos quanto aos estágios. Adiante, os procedimentos metodológicos, resultados e discussões e as considerações finais.

Literatura no ensino da língua portuguesa

Afinal, por que é tão importante levar a literatura para a vida das pessoas? Atualmente, considera-se que a literatura não está em uma posição tão importante. Ainda assim, ao nos aprofundarmos em conhecer a Literatura, começamos a perceber que ela abre portas para que todos tenham um conhecimento variado sobre assuntos também variados. A leitura contribui com a formação de leitores, contribui com o conhecimento de um universo de contos e poesias; experimentando uma vivência extraordinária a partir do imaginário de cada autor. A leitura tem que estar presente não só na vida dos jovens, crianças e adolescentes. Ela pode fazer parte de todos em geral, como um meio de compreensão de um todo para que cada um tenha sua maneira de pensar e agir.

Voltando à temática abordada, sabemos que todo professor de Língua Portuguesa precisa estar bem familiarizado com esse conhecimento em Literatura, tendo em vista que não se ensina o que não se sabe e nem se aprende o que não é ensinado de forma correta. O educador precisa estar ciente de que há uma grande necessidade de abordar a literatura em sala, pois é de grande importância para a formação dos estudantes.

A literatura pode transformar o indivíduo, não é vazia, tem um papel a cumprir:

A literatura pode muito. Ela pode nos estender a mão quando estamos profundamente deprimidos, nos tornar ainda mais próximos dos outros seres humanos que nos cercam, nos faz compreender melhor o mundo e nos ajuda a viver. Não que ela seja, antes de tudo, uma técnica de cuidados para com a alma; porém, revelação do mundo, ela pode também em seu percurso, transformar a cada um de nós a partir de dentro. A literatura tem um papel vital a cumprir, mas para isso é preciso tomá-la no sentido amplo e intenso que prevaleceu na Europa até fins do século XIX e que hoje é marginalizado, quando triunfa uma concepção absurdamente reduzida do literário (TODO-ROV, 2009, p. 76-77).

A reflexão sobre a citação acima demonstra a relevância da literatura na vivência das pessoas. Segundo o autor, parte do princípio de que a literatura não é um mero assunto e sim que é algo ainda mais importante pelo fato de que ela traz novas mudanças para aqueles que precisam de novas descobertas. Por meio da literatura podemos nos tornar seres humanos melhores e cidadãos participantes dos vários contextos de interação social.

Em muito a leitura pode contribuir com a construção de cidadãos letrados, reflexivos e com pontos de vistas definidos. Contudo, existem algumas barreiras que contribuem para a não aceitação da leitura quando se inclui a literatura. Em muitos casos, pode ser observado que ao não realizarem leituras, os alunos passam a ter certas defesas por considerar a leitura difícil ou distante de sua realidade.

Literatura: um caminho a ser percorrido através da teoria e prática

À medida que o leitor coloca em atividade seus recursos próprios e os estilos cognitivos na aquisição das habilidades necessárias a uma boa leitura literária, tais como: antecipar, identificar, comparar, reconhecer, relacionar, concluir, julgar ou avaliar, desenvolve todas essas habilidades tornando-se capaz de interagir mais facilmente com o texto. Dessa maneira, torna-se viável reconstruir o hábito de ler de modo prazeroso e significativo. Para Smith (2009, p. 4): “as crianças tornam-se leitores, a partir do momento que são enquadradas em situações na qual a linguagem escrita/texto é usada de maneira significativa, assim como elas aprendem a linguagem falada, a partir do contato com pessoas que usam a fala também de maneira significativa”.

Sabe-se que para encontrar significado na leitura é necessário que o leitor não só compreenda o que está escrito, mas saiba que além dos olhos existe também outros importantes mecanismos armazenados na memória como: a ansiedade, a capacidade de correr riscos, a natureza, os usos da linguagem, compreensão da fala, as relações interpessoais, as diferenças socioculturais e a aprendizagem das crianças em particular, e, conseqüentemente, todos esses tópicos são relevantes para a concretização da leitura literária.

Percebe-se que a leitura é uma prática básica de suma importância para o aprendizado, mas o ato de ler nem sempre é agradável e prazerosos, por isso é necessário que se busque meios que possam incentivar os educandos a terem o interesse pela atividade de ler, interpretar e produzir textos a respeito da literatura que venham instigar a mente do aluno sobre o que leu.

Dentre os segmentos que podem favorecer um maior interesse dos alunos pelas diversas literaturas presente nas bibliotecas das escolas, é necessário que haja maior interesse por parte dos professores na hora de planejar metodologias que tragam para a sala de aula métodos de incentivo à leitura como: livros da literatura infanto-juvenil, revistas, histórias em quadrinho e jornais que realmente deem significado à imaginação e compreendam as histórias que os autores querem transmitir.

A linguagem escrita passa por diversas transformações e, devido a essas transformações, sua aquisição se torna mais fácil quando se tem um professor que não para no tempo e nem tão pouco deixa de buscar o melhor para o desenvolvimento de seus alunos. De acordo com Maciel e Cosson (2010, p. 104), “[...] realmente um ambiente favorável à constituição de leitores, é necessário que os professores tenham domínio de boas estratégias didáticas para abordarem os textos literários em sala de aula [...]”.

Assim, as propostas educacionais devem ser elaboradas de forma que se adaptem às necessidades e realidade dos alunos. É importante ressaltar que a leitura ocupa um espaço fundamental na vida das pessoas, é uma herança maior do que qualquer diploma.

Então, a leitura não é simples decodificação de palavras e reprodução de informações, é um processo dinâmico e ativo, que envolve a compreensão, a apropriação e a transformação de conhecimento e conseqüentemente, de significação, em que o leitor compreende o significado do que lê. Apodera-se desse conhecimento e o transforma a partir de sua experiência pessoal.

A leitura é mais do que um simples ato de decifrar as palavras. É interpretar o que se lê, saber o que o texto quer dizer. Por isso, o fato de não saber ler afasta o homem da sociedade,

impedindo-o de exercer a sua cidadania. Como no mercado de trabalho, por exemplo, em que o analfabeto tem poucas ou nenhuma chance, de conseguir emprego, pois, hoje, é exigido no mínimo, o ensino médio completo. Assim ressalta-se que: “O indivíduo analfabeto tem poucas chances de acesso a empregos mais qualificados e bem remunerados, pois exigem escolaridade, pois a leitura na nossa sociedade é uma condição para dar voz ao cidadão [...]” (YUNES; PONDÉ, 1988, p. 34).

Procedimentos metodológicos

Este trabalho faz uma análise da literatura em sala a partir da pesquisa bibliográfica e, ainda, faz uso de anotações em diário de campo. Após o recolhimento dos dados, viu-se a necessidade de dividir o trabalho por etapas para o melhor entendimento do assunto. Através de todas as pesquisas e vivências do Estágio I realizado no 9º ano “C” desta escola foi possível compreender a real necessidade de introduzir a Literatura em sala de aula, fazendo com que os alunos se sintam motivados a lerem e refletirem sobre suas vidas a partir da literatura.

Obteve-se como base, durante todo o percurso deste *paper*, as reflexões de teóricos que com seus argumentos fazem-nos entender melhor a relevância da literatura em aulas de Língua Portuguesa — para a formação de leitores e cidadãos. Segundo Todorov (2009), a literatura pode, de fato, transformar indivíduos — cumpre um papel, não é vazia. O mesmo autor, em suas discussões, traz argumentos quanto à relevância de tal universo da linguagem e de como tais leituras/produções podem transformar vidas.

Participando das aulas no 9º ano ‘C’ do Ensino Fundamental II, observou-se nas aulas de língua portuguesa que a professora planejou um conteúdo que pudesse chamar atenção dos alunos em relação à leitura, pois passou a trabalhar o gênero biografia de autores, ensinando o conceito do que é uma biografia, com exemplos de alguns literários, autores de livros que fazem parte da leitura na escola.

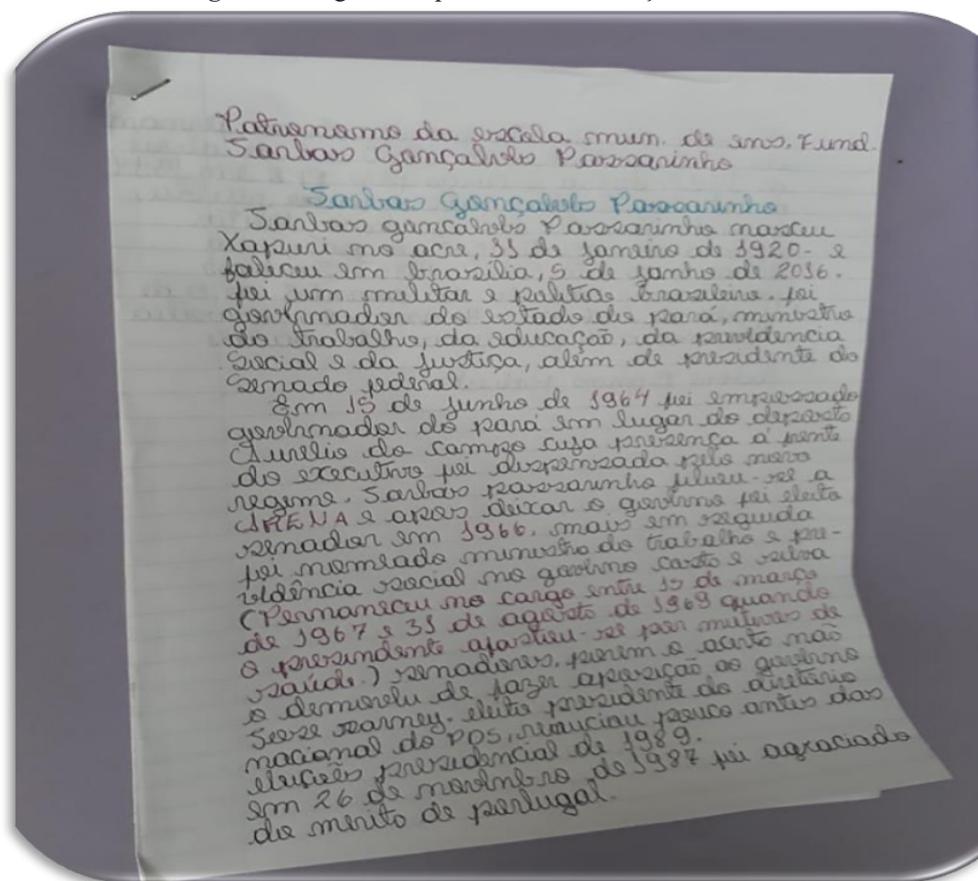
Figura 1. Aula de Português com gênero biografia literária



Fonte: Os autores (2018).

Na figura, podemos observar um momento em que a professora está escrevendo no quadro o conceito e modelo de uma biografia para que depois cada aluno faça a sua produção biográfica. Para que fosse mais aprofundado o assunto foram escolhidos alguns homenageados da história local. Logo abaixo, temos como exemplo uma produção biográfica sobre o patrono da Escola Municipal E. F. Jarbas Passarinho.

Figura 2. Biografia do patrono Jarbas Gonçalves Passarinho



Fonte: Os autores (2018).

Observando a biografia acima produzida em sala, constando os principais dados que deve ter esse gênero, observa-se que, de fato, a produção textual levou em conta características e elementos desse texto. Além desses aspectos textuais, a produção aborda aspectos da vida do patrono da escola, ampliando os conhecimentos, construindo sentido para o nome da escola em que estudam. Isso contribui muito para que haja interesse na leitura/pesquisa e na produção de texto — uma vez que é fruto de algo que faça sentido para eles, um nome que ouvem todos os dias, passam a entender a razão de tal nome ser homenageado na escola.

Resultados e discussões

A Escola Jarbas Passarinho está localizada na Avenida 14 de julho, nº 61, no centro de Itupiranga. Constituída por um prédio de dois andares, atualmente conta com os seguintes níveis de ensino: Educação Básica; Ensino Fundamental regular do 2º ao 5º ano do Fundamental I e do 6º ao 9º ano do Fundamental II e EJA (Educação de Jovens e Adultos de 1ª a 4ª etapas). A escola é considerada uma das maiores da rede municipal em número de alunos, funcionários e estrutura física.

A equipe de apoio pedagógico é bem receptiva; recebeu muito bem a estagiária. Todas as dúvidas foram sanadas. Por meio dessa experiência, a estagiária pôde compreender a rotina escolar, os desafios e, ainda, observar se, de fato, pôde reconhecer a identificação da acadêmica com a profissão escolhida. Em cada ida e vinda, compreendeu-se mais sobre o papel do professor, entendendo de perto a realidade da Educação em nosso país, neste caso, em especial no Município de Itupiranga. A escola possui certas dificuldades e contratempos em sua estrutura, devido ao não recebimento de verbas suficientes para suprir todas as suas necessidades. Ainda assim, sempre mantém uma boa qualidade de ensino, contando com o esforço de cada profissional que se dispõe a dar o melhor de si.

Figura 3. Frente da escola



Fonte: Os autores (2018).

A escola é bem localizada, em frente à prefeitura de Itupiranga. Ao mesmo tempo, torna-se um cartão postal da cidade por ter uma estrutura externa imponente, que acaba chamando a atenção de quem a vê. Em sua frente possui uma pracinha onde os alunos podem esperar o ônibus escolar com tranquilidade e segurança.

Após conhecer a direção, coordenação e como é o funcionamento da escola, houve uma conversa com a professora do 9º ano “C” e foi combinado sobre o dia da observação em sala de aula. Ao chegar na turma, ela seguia o planejamento que proporcionava um momento de leitura com diversos livros de literatura infanto-juvenil (6º ao 9º ano). Durante a aula, percebeu-se que nem todos têm interesse e atenção em relação à leitura que estavam realizando, ficando um pouco dispersos da dinâmica da aula. Não foi possível ter fotos da sala de aula, devido a não autorização neste primeiro momento de observação.

Após a observação, pode-se perceber alguns elementos. Observou-se algumas dificuldades em se trabalhar a literatura, como a pouca valorização por parte dos estudantes diante daquilo que era apresentado em sala. Aportes teóricos confirmam que existem certas dificuldades. Textos literários não são prontos e acabados. Necessitam do diálogo com o leitor. No contato com o leitor, o texto ganha seu sentido, recebe delineamentos.

A leitura, principalmente de textos literários, é uma atividade bastante complexa de produção de sentidos que se realiza com base nos elementos linguísticos presentes na superfície do texto e na sua forma de organização, por isso requer a mobilização de um vasto conjunto de saberes por parte do leitor. Isso significa afirmar que o sentido de um texto é construído na interação autor-texto-leitor. Assim, na e para a produção de sentido de um texto se faz necessário levar em conta o contexto, ou seja, tudo aquilo que, de alguma maneira, contribui para a construção do sentido (CARVALHO, 2015, p. 11).

Muitas vezes, nas primeiras tentativas, pode-se não obter um bom resultado. Contudo, na medida em que os alunos passam a experimentar esse universo, pode haver o aumento do gosto pela leitura.

A literatura provoca no leitor um efeito duplo: aciona sua fantasia, colocando frente a frente dois imaginários e dois tipos de vivência interior; mas suscita um posicionamento intelectual, uma vez que o mundo representado no texto, mesmo afastado no tempo ou diferenciado enquanto invenção, produz uma modalidade de reconhecimento em quem lê (ZILBERMAN; SILVA, 1990, p. 19).

Dessa forma, pode-se perceber que se trata de uma construção realizada com os alunos. Um processo de discussão, conversa, orientação e compreensão da relevância desses textos. À medida que esses processos de compreensão são ampliados, há mais chance de os estudantes passarem a gostar dos textos literários.

Com base em todas as observações em sala, no último dia, a professora relatou que, após uma reunião pedagógica da escola, foi sugerido um Sarau Literário como estratégia de incentivo à leitura, entre a teoria e prática com todos os alunos. Pode-se dizer que foi bastante interessante participar desse evento, poder observar a participação e a aprendizagem dos alunos e para a comunidade que pôde prestigiar os trabalhos dos seus filhos ou parentes.

Figura 4. Bem-vindos ao sarau da escola



Fonte: Os autores (2018).

Para o Sarau Literário na referida escola, a professora de língua portuguesa incentivou os alunos do 9º ano a participar com a amostra do gênero literário Cordel, pois estava trabalhando em sala de aula. O objetivo do sarau foi envolver o aluno nas técnicas de leitura e ao mesmo tempo mostrar que ele é capaz de produzir algo referente à leitura. Assim, muitos alunos mostraram interesse e escolheram literatura de cordel como um desafio de pesquisar e conhecer

mais sobre toda a sua história, fazendo leitura de vários temas e reescrevendo-os para expor no sarau. Lembrando que o evento foi expandido para outras turmas que trabalharam outros temas.

Figura 5. Alunos do 9º ano mostrando seu trabalho no Sarau



Fonte: Os autores (2018).

Entretanto, estamos vivendo uma era da tecnologia digital, muitos livros estão inseridos no formato digital e outros meios de comunicação que atraem o leitor, mas os livrinhos produzidos pelos cordelistas ainda chamam atenção, pelo fato de trazer histórias que envolvem o leitor com reflexões que fazem parte da realidade dele. Podemos observar que a literatura de cordel é voltada ao aspecto popular brasileiro, sendo diferente da literatura portuguesa. A professora da Escola Jarbas Passarinho compartilhou que os alunos gostaram muito do gênero literário cordel, devido à semelhança que tem com a poesia quanto à questão das rimas e estrutura.

O cordel está voltado ao regionalismo nordestino, cuja leitura facilita a produção de outros temas em sala de aula, como ocorreu na barraca do 9º ano. Diante disso, vale ressaltar a visão de Londres (1994 p 423):

Os meios de comunicação de massa fazem no Brasil o que fazem em toda parte: anulam as fronteiras regionais, submetem as produções nacionais às estrangeiras e tudo é conformado em feitiço industrial moderno (que tem como primeiro e máximo objetivo o lucro), muito distante da alma das culturas velhas até de milênios. Não obstante, a literatura tradicional vive e teimosamente dá frutos; a literatura de cordel do Nordeste não cessa de dar provas de formidável vigor.

Essa visão do processo de aprendizagem não supõe que o aluno sabe apenas o que lhe é formalmente ensinado. Nela, o aluno é visto como um ser ativo em sua aprendizagem, construindo o próprio conhecimento, com ampla visão de conhecimentos literários.

Considerações finais

Durante todo este trabalho, pôde-se compreender que há um trabalho a ser realizado para avançarmos com relação à valorização da Literatura. Os educadores precisam tornar cada momento de leitura um momento único e agradável, podendo criar aulas dinâmicas e divertidas

para que isso chame a atenção de seus alunos. Tendo total autonomia em usar a criatividade, conhecer o comportamento de cada um em sala de aula e deixando-os livres para escolher aquilo que mais lhe chamou a atenção durante toda a aula ministrada.

Foi, de fato, percebido isso na turma que, segundo a professora, os textos literários levados para serem lidos e interpretados — acabam sendo desestimulantes para alunos. Contudo, ao incluir o ensino da biografia desses escritores começou a chamar atenção deles para saber todo processo de como aconteceu. Contribuindo mais ainda, foi proposto para todas as turmas da referida escola um Sarau literário. Dessa maneira, puderam se aprofundar em diversos escritores da literatura de cordel e literatura brasileira. É interessante também o professor ter um conhecimento aprofundado sobre esta área teórica e prática, tendo prazer em descobrir mais e mais sobre ela — o que auxiliará muito com a formação de leitores.

Diante do exposto, chegou-se à compreensão de que há a necessidade de construir uma mudança de cultura dentro e fora das escolas. A sociedade como um todo necessita de mais intimidade com os livros e isso só se dará através dos educadores que também tenham esta visão. Essa mudança de postura contribui sobremaneira com a educação e com a formação de leitores.

Referências

CARVALHO, Damiana Maria. A importância da leitura literária para o ensino. **Entreletras**, Araguaína, v. 6, n. 1, p. 6-21, jan. - jun. 2015.

LONDRES, Maria José Fialho. Literatura popular: o caso brasileiro. *In*: PIZARRO, Ana. (Org.). **América Latina: palavra, literatura e cultura**. v. 2. São Paulo: Memorial; Campinas: UNICAMP, 1994.

MACIEL, Francisca Aparecida Paiva; COSSON, Rildon. **Literatura ensino fundamental**. Brasília: MEC; Secretária de Educação Básica, 2010.

SMITH, Frank. **Leitura significativa**. 3. ed. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2009.

TODOROV, Tzvetan. **A Literatura em perigo**. São Paulo: Difel, 2009.

YUNES, Eliana; PONDÉ, Glória. **Leituras e leituras da literatura infantil**. São Paulo: FTD, 1988

ZILBERMAN, Regina; SILVA, Ezequiel Theodoro da. (Org.). **Literatura e pedagogia: ponto e contraponto**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1990.

UM OLHAR SOBRE A FORMAÇÃO CONTINUADA DOS DOCENTES DE LÍNGUA PORTUGUESA

A look at the continuing education of Portuguese language teachers

Patricia Macedo¹

Deise Stolf Krieser¹

Resumo: O presente artigo tem por objetivo apresentar a relevância da formação continuada através de estudo qualitativo de cunho bibliográfico, que busca apresentar a contribuição das formações, da aprendizagem e principalmente, como se dá este processo de aprimoramento dos professores de Língua Portuguesa. Podemos perceber que, por ser um tema comentado na atualidade, diversos autores escrevem sobre o tema, o que contribuiu significativamente para este trabalho, proporcionando uma análise histórico-crítica da formação dos professores.

Palavras-chave: Educação. Formação continuada. Professor.

Abstract: This article introduces the relevance of continuing education. It is a qualitative bibliographical study, that focuses on presenting the contribution of continuing education, learning, and mainly, how this process of Portuguese Language teachers improvement occurs. We can realize that, as it is a commented topic nowadays, several authors write about this subject, which has contributed significantly to this research, providing a historic-critic analysis of the teachers' education.

Keywords: Education. Continuing education. Teacher.

Introdução

Ao tratarmos de educação, temos que ter em mente que tanto a Constituição da República Federativa do Brasil, de 1988, quanto o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), garantem ao indivíduo direito a uma formação visando ao pleno desenvolvimento e preparo para o exercício da cidadania e qualificação para o trabalho e, este, será proporcionado pelo governo em escolas públicas e/ou por entidades privadas, sendo o professor, ou docente, peça fundamental neste processo de ensino.

Todo docente tem em suas salas de aula um desafio a vencer, motivar seus alunos, sendo que para o professor de Língua Portuguesa este desafio pode ser ainda maior, pois dele é esperado que desenvolva e estimule no aluno vários saberes, como aponta Antunes (2005, p. 39): “[...] o texto falado, ouvido, lido e escrito é que constitui, na verdade, o *objeto* de estudo das aulas de língua”.

Ainda contemplando o ensino de Língua Portuguesa, é primordial articular como base do que ensinar. De acordo com Antunes (2003 p. 22, grifos da autora,) “dois grandes eixos: o do **uso** da língua oral e escrita e o da **reflexão** acerca desses usos”.

Outra questão interessante a ser analisada e tratada com cuidado é a relevância do estudo da língua. Quem nunca ouviu, por exemplo, na sala dos professores: “O fulano de tal não sabe nem ler ou interpretar! Quem é/foi o professor de português dele?”. Isso nos leva a pensar e repensar: Como docentes, o que estamos fazendo de errado? Antunes (2003, p. 20) aponta:

Com enormes dificuldades de leitura, o aluno se vê frustrado no seu esforço de estudar outras disciplinas e, quase sempre, “deixa” a escola com a quase inabalável certeza de que é incapaz, de que é linguisticamente deficiente, inferior, não podendo, portanto, tomar a palavra ou ter voz para fazer valer seus direitos, para participar ativa e criticamente daquilo que acontece a sua volta. Naturalmente, como tantos outros, vai ficar à margem do entendimento e das decisões de construção da sociedade.

¹ Centro Universitário Leonardo Da Vinci – UNIASSSELVI – Rodovia BR 470 – Km 71 – nº 1.040 – Bairro Benedito – Caixa Postal 191 – 89130-000 – Indaial/SC Fone (47) 3281-9000 – Fax (47) 3281-9090 – Site: www.uniasselvi.com.br.

Não estamos aqui para dizer que uma área é melhor ou mais importante que a outra, mas para refletir sobre o que estamos fazendo e como podemos aprimorar nossas ações. O professor tem um papel relevante na vida do seu aluno e no contexto escolar. Quanto à formação desses profissionais, podemos perceber que, em alguns casos, ela não atende às demandas do ambiente escolar, decorrentes de mudanças na sociedade ou necessidades de cada contexto educacional. Os cursos de licenciatura e as formações continuadas devem preparar os professores para a nova realidade da sala de aula, atuando como mediadores da aprendizagem. De acordo com Imbernón (2011, p. 21), “[...] talvez o problema não esteja somente nos sujeitos docentes, e sim nos processos políticos, sociais e educativos”.

É necessário refletirmos sobre os métodos didáticos que utilizamos em sala de aula. No lugar de tomar um modelo rígido e único a ser seguido, o professor deve ter sensibilidade para planejar suas aulas considerando as necessidades da turma com a qual está trabalhando. O professor tem a necessidade de aperfeiçoar seus conhecimentos e lapidar sua didática, transformando-a, atualizando-a e aprofundando-a.

A partir do que discutimos, a formação continuada é necessária para a reflexão sobre as práticas didáticas e a troca de experiências. Este artigo, de cunho bibliográfico, tem como objetivo refletir sobre a importância da formação continuada dos professores para uma atuação profissional qualificada.

A contribuição da formação continuada para o professor de língua portuguesa

As práticas vivenciadas e oferecidas pelas universidades e formações continuadas devem visar colocar os docentes em contato com outras realidades de uso e ensino da Língua Portuguesa, entrelaçando a teoria com a prática, inserindo-os em espaços e situações diferenciadas, com o objetivo de instigar o conhecimento e a interação com outras modalidades de ensino. Lopes (2015, s.p.), que lançou uma série de reportagens sobre Formação de Professores, expondo o cenário atual, desafios e caminhos para a formação, aponta:

De acordo com os dados do Censo da Educação Superior 2013 (último levantamento divulgado), existem 7.900 cursos de licenciatura na área de educação espalhados por todo país. Neste ano, mais de 200 mil alunos foram licenciados (56% pela modalidade presencial e 44% pelo ensino a distância). Porém, especialistas na área apontam que muitos cursos ainda estão bastante distantes da realidade da sala de aula.

Nesta perspectiva compreendemos que os ensinamentos das universidades procuram mesclar os aportes teóricos com a prática educativa das escolas, promovendo sentido à teoria, dando suporte à prática docente, norteando o trabalho pedagógico. De acordo com Neto e Maciel (2002, p. 9), o “[...] mestre artesão, com seu saber-fazer gerado no enfrentamento com o próprio ofício, [...]”. Apesar de construirmos nossos conhecimentos todos os dias, a partir das nossas experiências diárias, em sala de aula, ainda nos sentimos despreparados para o fazer docente. Por isso, buscamos na formação continuada um alicerce mais sólido.

Referente à formação continuada, é necessário ter consciência que a língua que utilizamos e o mundo onde vivemos estão em constante mudança, e é por isso que o professor não pode simplesmente estagnar sua formação após a graduação. Afirma Libâneo (2004, p. 227):

O termo “formação continuada” vem acompanhado de outro, a formação inicial. A formação inicial refere-se ao ensino de conhecimentos teóricos e práticos destinados à formação profissional, completados por estágios. A formação continuada é o prolongamento da formação inicial, visando ao aperfeiçoamento profissional teórico e prático no próprio contexto de trabalho e o desenvolvimento de uma cultura geral mais ampla, para além do exercício profissional.

Será necessário ao docente que está interessado em engajar e estimular o desenvolvimento de seus discentes estar em permanente aperfeiçoamento e conectado com o mundo das tecnologias.

Atualmente, vivemos em um mundo rodeado por tecnologias, sendo que elas estão presentes cada vez mais cedo na vida das crianças. A era globalizada vem exigir dos professores uma constante atualização em sua metodologia e práticas didáticas em sala de aula. Formações continuadas e oficinas são oferecidas aos professores para ampliarem e atualizarem seus métodos de ensino, explorando e contemplando os multiletramentos.

De acordo com Teixeira e Moura (2012, p. 56):

[...] esclarecendo a adição do prefixo “multi” ao termo letramento não é uma questão restrita à multiplicidade de práticas de leitura e escrita que marcam a contemporaneidade: as práticas de letramento contemporâneas envolvem, por um lado, a multiplicidade de linguagens, semioses e mídias envolvidas na criação de significado para os textos multimodais contemporâneos e, por outro, a pluralidade e diversidade cultural trazida pelos autores/leitores contemporâneos a essa criação de significação.

Documentos oficiais como os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa PCN (BRASIL, 1998) apresentam a relevância do ensino da língua para o aluno, apontando o quanto esse estudo não pode ser explorado de maneira superficial ou fragmentada, e sim, de maneira mais profunda, de modo que o aluno consiga interpretar qualquer tipo de texto (verbal ou não) e não apenas codificar e decodificar. Ainda conforme os PCN (BRASIL, 1998, p. 22), entendemos que “[...] a língua é um sistema de signos histórico e social que possibilita ao homem significar o mundo e a realidade, [...] os modos pelos quais as pessoas do seu meio social entendem e interpretam a realidade e a si mesmas”.

O educador deve estar preparado para receber em suas salas de aula jovens, adultos e crianças conectados com o mundo que os cerca. Além da graduação, é de grande relevância que o professor esteja em constante aprimoramento, que ele esteja apto e disposto a aprender a inserir em suas práticas diárias o uso das tecnologias, como vídeos, músicas, blog etc. de modo a entrelaçar o conteúdo de sua disciplina/área com as vivências de seus alunos. Segundo Perrenoud (1993, p. 25): “Ensinar é, antes de mais nada, fabricar artesanalmente os saberes tornando-os ensináveis, exercitáveis e passíveis de avaliação no quadro da turma, de um ano, de um horário, de um sistema de comunicação e trabalho”.

As formações continuadas devem agregar aos docentes maneiras diversificadas de chegar ao seu aluno, motivá-los a uma constante aprendizagem, transformá-los em profissionais dinâmicos, “[...] capazes de tomar decisões educativas, éticas e morais, de desenvolver o currículo [...] e de elaborar projetos e materiais curriculares” (IMBERNÓN, 2011, p. 22). A respeito de recursos variados, Moran (1995, p. 29) afirma sobre os recursos de vídeos:

[...] trata-se de um recurso que está cada vez mais ao alcance de professores e alunos, uma vez que até mesmo alguns aparelhos de celular já funcionam como câmeras que possibilitam, além de fotografar, filmar pequenas cenas e brincar com elas, alternando-as, melhorando-as; assim também podem modificar, recriar e aprimorar sua atuação como alunos e sujeitos responsáveis pelo aprendizado.

Também é de fundamental relevância que os professores explorem as vivências de seus alunos, trazendo para suas salas de aulas assuntos pertinentes à realidade de seus discentes, pois somente de maneira contextualizada eles conseguirão absorver os conteúdos. Em formações continuadas, atividades como oficinas podem ser apresentadas utilizando diversas mídias, como vídeo, músicas, slides e recursos visuais que estimulem seus participantes a interagirem com as questões propostas de forma participativa e motivada. Para Moran (1995, p. 29):

O vídeo deve ser usado em sala principalmente como elemento de **sensibilização**, para despertar a motivação, a curiosidade e o desejo de pesquisar os temas curriculares; como **ilustração**, para mostrar o que e como se fala, para compor cenário desconhecido ou para situar os alunos no tempo e no espaço... Esse tipo de atividade tem um teor lúdico e motivador muito forte e, em geral, é bem aceito principalmente pelos jovens, pois representa o que para eles existe de mais moderno e contemporâneo.

Com a estimulação de mais de um sentido, o aluno consegue perceber de forma mais concreta o que está sendo ensinado e o docente deve descobrir como utilizar essas técnicas para transmitir os saberes aos discentes. Parafraseando Oliveira e Kleiman (2008), percebemos que a proposta do letramento sugere que a aprendizagem desses alunos aconteça na sala de aula a partir de elementos enunciativo-discursivos que contribuem para a elaboração de sentidos.

A escola, e principalmente o docente, têm um papel de suma importância na construção de uma sociedade menos excludente, mais justa e mais humana, que proporcione aos cidadãos conhecimento de seus direitos e deveres, e que seu direito termina impreterivelmente onde começa o direito do outro. Demo (1996, p. 273), afirma que:

Para encarar as competências modernas, inovadoras e humanizadoras, [o educador] deve impreterivelmente saber reconstruir conhecimentos e colocá-lo a serviço da cidadania. Assim, professor será quem, sabendo reconstruir conhecimento com qualidade formal e política, orienta o aluno no mesmo caminho. A diferença entre professor e aluno, em termos didáticos, é apenas fase de desenvolvimento, já que ambos fazem estritamente a mesma coisa. [...] Neste sentido, o professor não será mais profissional de ensino, mas da educação, pois o primeiro tende a ser instrução, treinamento, domesticação, enquanto a segunda busca a ambiência emancipatória.

Necessitamos compreender que o aluno que chega até nós possui vivências e experiências de seu cotidiano, ele não é uma folha de papel em branco. Por isso, de acordo com Freire (1996, p. 30), é importante “respeitar os saberes socialmente construídos na prática comunitária”.

O professor deve construir para si um perfil de educador construtor de conhecimento e não um mero repetidor, buscando sempre aprimoramento e aperfeiçoamento, a partir de formações continuadas, e, com isso, proporcionar aos seus alunos aulas agradáveis e instigantes. Libâneo (2004, p. 227) afirma que:

[...] a formação continuada pode possibilitar a reflexividade e a mudança nas práticas docentes, ajudando os professores a tomarem consciência das suas dificuldades, compreendendo-as e elaborando formas de enfrentá-las. De fato, não basta saber sobre as dificuldades da profissão, é preciso refletir sobre elas e buscar soluções, de preferência, mediante ações coletivas.

O ensino da Língua Portuguesa nas escolas acontece a partir de um docente preparado e que sabe que deve estar em constante aprendizagem e aperfeiçoamento, este deve oportunizar aos discentes meios deles se tornarem sujeitos capazes de construir e expor suas opiniões de maneira crítica, de interagirem em sociedade de maneira ativa e produtiva. A mudança na didática pedagógica exige a “[...] releitura da função do professor como profissional reflexivo e da escola como organização promotora do desenvolvimento do processo educativo” (SENA, 20--, s.p.). Ainda refletindo sobre a educação, as escolas e os professores, Imbernón (2011, p. 12) afirma:

Essa necessária renovação na instituição educativa e esta nova forma de educar requer uma redefinição importante da profissão docente e que se assumam novas competências profissionais no quadro de um conhecimento pedagógico, científico e cultural revistos. Em outras palavras a nova era requer um profissional da educação diferente.

Fica cada vez mais claro que o professor não se posiciona mais como o detentor supremo de todo o saber, ele é um agente capaz de se reinventar, se refazer, de rever suas concepções e atitudes, pois não é um ser acabado, pronto. O professor está em constante processo de construção. Ele tem iniciativa de elaborar, questionar e pesquisar o que pode dar certo, levando em conta que não existe um modelo, o que dá certo com uma turma, nem sempre dará certo com a outra, e é esta visão que ele tem que ter de si mesmo.

O objetivo central deste artigo era refletir sobre a relevância das formações continuadas dos docentes de Língua Portuguesa e foi alcançado a partir de pesquisas e estudos bibliográficos lidos durante o curso. A partir disso, inferimos que, para a melhor qualificação do profissional, faz-se necessário que este esteja sempre se atualizando, pois a sociedade e a língua estão em constante mutação.

Considerações finais

O texto organizado neste artigo, a partir de pesquisas bibliográficas, procurou mostrar que a formação continuada é essencial para o docente, ela vem aliar a teoria aprendida na formação inicial com a prática em sala de aula, pois a contemporaneidade apresenta ao professor desafios além de sua formação científica e técnica. Este profissional deve ser um mediador e trazer para os alunos uma prática pedagógica crítica e consistente com a realidade em que vivemos.

Parafraseando Antunes (2003, p. 21), temos consciência da realidade de como a educação enfrenta problemas graves no contexto escolar e principalmente os enormes desafios vivenciados pelos docentes para desenvolver uma crescente consciência de cidadania e aprendizagem em nossos alunos.

Também sabemos que é esperado do professor de língua portuguesa que os alunos tenham facilidade na leitura e interpretação, mas compreendemos que todo docente deve buscar ampliar seus conhecimentos e, com isso, estimular seus alunos. Neste sentido, para Alves (2000 *apud* ANTUNES, 2003, p. 175), “a escola existe para estimular a ‘gula’ pelas delícias do saber..., pois a capacidade de sentir prazer não é um dom natural. Precisa ser aprendida”.

O professor é uma das personagens principais quando falamos de escolas, alunos e aprendizagem. Ele deve ser um agente transformador e procurar desenvolver os saberes em seus discentes. Para isso, ele terá que estar em constante aperfeiçoamento. Este cenário se concretiza a partir das formações continuadas.

Comprova-se a necessidade de aprofundar sua formação levando em conta a variedade que encontramos nas salas de aula. No entanto, não é a quantidade de cursos, seminários ou oficinas que vão ajudar a sua prática didática a melhorar, e sim para se aprofundar e atualizar seus conhecimentos, é imprescindível que o profissional alie ao seu aprendizado dedicação e qualidade.

Aprendemos que o desafio das formações continuadas é tornar-se um processo contínuo, a partir da experiência do docente, tendo como objetivo apresentar a estes caminhos que oportunizem novas ideias, métodos e didáticas para transformar a sua aula. O professor deve cultivar em si o hábito da mudança, procurar se reinventar, tornar-se dinâmico.

A mudança na prática docente faz-se necessária, principalmente no contexto atual em que vivemos, onde crianças já nascem inseridas no mundo globalizado, com acesso à internet e tudo que esta pode trazer. E para atuar de maneira efetiva, o docente tem que trazer para suas aulas as tecnologias disponíveis para seus alunos, de modo que o conhecimento seja apreciado e não monótono.

Referências

ALVES, Rubem. **Conversas com quem gosta de ensinar**. 5. ed. Campinas: Papirus, 2000.

ANTUNES, Irandé C. **Aula de português: encontro e interação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

ANTUNES, Irandé C. **Lutar com palavras: coesão e coerência**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

BRASIL. **PIBID** – apresentação. Brasília: Ministério da Educação, 2007. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=233&Itemid=467. Acesso em: 19 out. 2018.

BRASIL. **Parâmetros curriculares nacionais: língua portuguesa**. Brasília: Secretaria de Educação Fundamental, 1998. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro02.pdf>. Acesso em: 19 out. 2018.

CRISTINE, Elen. A importância da formação contínua. **Mundo Educação**, [s.l.], [20--]. Disponível em: <http://www.mundoeducacao.com/educacao/a-importancia-formacao-continua.htm>. Acesso em: 19 out. 2018.

DEMO, Pedro. Formação permanente de professores: educar pela pesquisa. *In*: MENEZES, L. C. (Org.). **Professores: formação e profissão**. Campinas: Autores Associados, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

IMBERNÓN, Francisco. **Formação docente e profissional: formar-se para a mudança e a incerteza**. 9. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

LIBÂNEO, José Carlos. **Organização e gestão da escola: teoria e prática**. Goiânia: Alternativa, 2004.

LOPES, M. Desafios e caminhos para a formação de professores no Brasil. **Porvir**, São Paulo, out. 2015. Disponível em: <http://porvir.org/desafios-caminhos-para-formacao-de-professores-brasil/>. Acesso em: 14 dez. 2018.

MORAN, José M. O vídeo na sala de aula. **Revista Comunicação & Educação**, São Paulo, v. 2, p. 27-35, jan./abr. 1995. Disponível em: http://www.eca.usp.br/prof/moran/site/textos/desafios_pessoais/vidsal.pdf. Acesso em: 14 dez. 2018.

NETO, A. S.; MACIEL, L. S. B. (Org.). **Desatando os nós da formação docente**. Porto Alegre: Mediação, 2002.

OLIVEIRA, M. do S.; KLEIMAN, A. B. (Org.). **Letramentos múltiplos: formação de agentes de letramento**. Natal: EDUFRN, 2008.

PERRENOUD, Philippe. **Práticas pedagógicas, profissão docente e formação: perspectiva sociológica**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1993.

SENA, Adailton dos Santos. Formação continuada e o processo de desenvolvimento profissional de professores. **Brasil Escola**, [s.l.], [20--]. Disponível em: <https://meuartigo.brasilecola.uol.com.br/educacao/formacao-continuada-processo-desenvolvimento-profissional.htm>. Acesso em: 7 jan. 2019.

TEIXEIRA, D. de O.; MOURA, E. Chapeuzinho Vermelho na cibercultura III. *In*: ROJO, R.; MOURA, E. (Orgs.). **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012. p. 55-73.

Artigo recebido em 23/05/19. Aceito em 23/08/19.